Espólio Literário
de
GENERINO DOS SANTOS

HUMANIADAS

O Mundo - A Humanidade - O Homem

Todo o esforço, em melhorar,
Bem merecer, é de louvar.

VOLUME QUARTO

LIVRO SEXTO: — ALMA COLLECTIVA

LIVRO SETIMO: — ALMA ALHEIA

—— oOo ——

RIO DE JANEIRO
Typ. do JORNAL DO COMMERCIO
Rodrigues & C.
—
1938

E' FAVOR ACCUSAR O RE-

CEBIMENTO DESTE VO-

LUME DE "HUMANIADAS",

PARA': —

DR. LUIZ FELIPPE VIEIRA SOUTO.

RUA DOS VOLUNTARIOS

DA PATRIA--69--

BOTAFOGO - RIO DE JANEIRO

DISTRICTO FEDERAL--

BRASIL.

Espólio Literário
de
GENERINO DOS SANTOS

HUMANIADAS

O Mundo - A Humanidade - O Homem

Todo o esforço, em melhorar,
Bem merecer, é de louvar.

VOLUME QUARTO

LIVRO SEXTO: — ALMA COLLECTIVA

LIVRO SETIMO: — ALMA ALHEIA

3

—— oOo ——

RIO DE JANEIRO
Typ. do Jornal do Commercio
Rodrigues & C.
—
1933

Acervo da Biblioteca
Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ

ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ
BIBLIOTECA
REGISTRO Nº
347011/13
802
S237h
V.4 1938
Cd. F.C

Forão impressos désta obra:

200 *exemplares em papel* BUFFON *de 1ª qualidade e*
800 *exemplares em papel de 2ª qualidade, que constituem a "edição popular"* (TESTAMENTO *p. XXIV*).

HUMANIADAS

INDICE DO VOLUME QUINTO

Advertencia 7

LIVRO SEXTO — ALMA COLLECTIVA

PAGS.

I — Hymno secular 11
II — A marselhesa 15
III — Hymno nacional brasileiro 18
IV — A Imprensa 20
V — Hymno da infancia escolar (para quatro vozes) ... 24
VI — Hymno da infancia escolar (para o sexo feminino). 27
VII — Hymno á terra 29
VIII — Canção do trabalho 33
IX — Dies Irae 34
X — Hymno de Garibaldi 36
XI — Hymno á integridade viril 38
XII — Hymno á integridade corporal humana 40
XIII — Brasil 42
XIV — Hymno á arvore 46
XV — Hymno á Bandeira 47
XVI — Hymno nacional argentino 49
XVII — Hymno inaugural do monumento a Floriano Peixoto 51
XVIII — Hymno dos operarios 53
XIX — Hymno Botucudo 56

LIVRO SETIMO — ALMA ALHEIA

I — Filippa de Vilhena (Generino) 61
II — Filippa de Vilhena (Luiz Nobrega) 62

PAGS.

III — A corôa de espinhos (A. Houssaye) 63
IV — A herva (D'Annunzio) 64
V — Um dos vinte e quatro sonetos de Benvenuto Cellini 65
VI — Celebre soneto de Petrarca 66
VII — Soneto XXXI, de Petrarca 67
VIII — Na morte de Laura (Generino) 68
IX — Doppo la morte de Laura (Petrarca) 69
X — Depois da morte de Laura (Generino) 70
XI — Dois sonetos de Petrarca musicados por Liszt (CXXXIV e CLVI) 71
XII — Um soneto de Miguelangelo 73
XIII — Miguelangelo a Vittorio Collona 74
XIV — Miguelangelo (Augusto Barbier) 75
XV — A Philosophia (H. Taine) 76
XVI — Soneto, attribuido a Leonardo da Vinci 78
XVII — Soneto, attribuido a Leonardo da Vinci (versão Reis Carvalho) 79
XVIII — Soneto, attribuido a Leonardo da Vinci (versão Generino) 80
XIX — Um numero do Intermezzo (H. Heine) 81
XX — Antonio e Cleopatra (J. M. Heredia) 82
XXI — O leito (J. M. Heredia) 83
XXII — Sonnet à Coquelin (Rostand) 84
XXIII — Soneto a Coquelin (Rostand) 85
XXIV — A arte de pintar (Agostino Carraxi) 86
XXV — Lanterna magica (Ibsen) 87
XXVI — Beethoven (Rostand) 88
XXVII — Soneto do Abbade de Napoles 89
XXVIII — Um soneto castelhano de Soropita 90
XXIX — O poeta levanta a ancora (Delmira Agustini) .. 91
XXX — Ego sum qui sum... 92
XXXI — O celebre soneto de Arsvers 93
XXXII — O que dizem as estrellas (A. Houssaye) 94
XXXIII — A Jesus Crucificado (Santa Thereza de Jesus) 95
XXXIV — Um soneto de Annibal Falcão 97
XXXV — El celebre soneto de João de Deus 99
XXXVI — El celebre soneto de Maciel Monteiro 100
XXXVII — Sobre o tumulo de Descartes (Huygens) 101
XXXVIII — O Zephiro (Gráf Zichy Gésa) 102

PAGS.

XXXIX — O Iris da Alliança (Ludovico Berna) 103
XL — O porco (Trilussa) 104
XLI — Canção do adeus (Ed. d'Harancourt) 105
XLII — Evangelho de Santo Humberto 106
XLIII — A esthetica em apuros (Stupuy) 111
XLIV — Respeito e affronta (Armand Silvestre) 113
XLV — Pensamentos de uma flôr (Clotilde de Vaux) 114
XLVI — A Matilde Nunes (Sanabria) 116
XLVII — A consciencia (Victor Hugo) 118
XLVIII — A taça do rei de Thul (L. Ackermann) 121
XLIX — O grito (L. Ackermann) 123
L — Prometheo (L. Ackermann) 125
LI — Prometheo (Eschylo 126
LII — O recrutamento (Eduardo Bustillo) 131
LIII — Um poeta legista:
I — Canção do exilio (Gonçalves Dias) 134
II — Lied aus der Verbannung 136
III — Canção do exilio (Aureliano de Campos) . 137
IV — Canción del desterro (Generino) 139
V — Canzone dell'esilio (Generino) 140
VI — Chanson de l'exil (Generino) 141
LIV — Mignon (Goethe) 143
LV — Mignon (J. Barbier) 144
LVI — Morte de Hippolyto (Racine) 145
LVII — Viagem de Ulysses á ilha de Corfú (Homero) 148
LVIII — A Brabançã 149
LIX — Quarto livro da Imitação de Christo (Thomaz de Kempis) 152
LX — Adeus ! (Musset) 155
LXI — A uva (F. Coppée) 157
LXII — Uma esmola (F. Coppée) 159
LXIII — Historia curta (Ada Negri) 160
LXIV — Casa de boneca (Nora-Després) 161
LXV — The night (José Maria Blanco): 162
I — (Antonio Pitanga) 163
II — (Generino) 164
LXVI — Ode á Lesbia 166
LXVII — O deserto (Félicien David) 167
LXVIII — A creação (Ovidio) 168
LXIX — Todo-mundo e Ninguem (Gil Vicente) 172

ADVERTENCIA

Sempre obedecendo ao testamento que manda colligir para a publicação toda a obra do autor, reune este volume dous livros distinctos, ligados porém, por grandes affinidades. O primeiro, hymnario original ou traduzido, mostra um genuino enthusiasta pela Patria e questões vitaes inherentes ao futuro della, por um lado; pelo outro vemol-o vibrar ante os fastos de povos irmãos ligados pelo affecto presente que decorreu de origens remotas mas unicas, na maioria. O segundo livro, mais complexo é collectanea de poesias alheias que de facto tocaram a sensibilidade de Generino, a ponto de traduzil-as, interpretal-as e ás vezes chegar a tentativas de estudos comparativos, entre traducções várias quanto á autores e idiomas.

Na mór parte só a versão Generino é estampada. Todavia nas em que elle taxativamente deixou entrever a necessidade que julgava imprescindivel para estudo comparativo, são publicados originaes e traducções para o cotejo em que certamente pensou e queria.

Algumas notas elucidativas foram incorporadas tal qual foram encontradas, fazendo sequencia aos versos que pretendiam delucidar.

Não ha sequencia de assumptos, autores ou escolas, pois Generino traduzia o que de momento lhe causava impressão sem ficar adstricto a este ou aquelle periodo litterario.

Rio, 5-1.º-38.

L. F. V. S.

HUMANIADAS

LIVRO SEXTO

ALMA COLLECTIVA

(Hymnario)

HYMNO SECULAR

MUSICADO POR PHILIDOR E OUVIDO, PELA PRIMEIRA VEZ, EM PARIS, EM 1780.

ARGUMENTO

Tendo o Senador Pierantoni proposto que se musicasse, como hymno nacional, para ser cantado por occasião do "XX de Setembro", parte do "Carme Secular", de HORACIO, tal proposta logrou approvação de CARDUCCI, na seguinte carta que merece ser transcripta de par com a clássica exhumação, comquanto, para hymno nacional, tenham sido escolhidos os versos de CONSTANZO:

"Caro Pierantoni. Chegou-me ao ouvido a "tua proposta de pôr em musica, para as fes- "tas do "XX de Setembro", algumas estrophes "do "Carme Secular".

"Já o havia tambem eu pensado; mas me "não adiantei em propôl-o: primeiro, porque "me não agrada o papel de público suggestio- "nador; segundo, porque temi fazer *fiasco*.

"Fêl-o musicar Catharina da Russia para "seu regalo; a Italia, porém, é bem capaz de "envergonhar-se de saber latim.

"Estas deverão ser as estrophes. Transcre-
"vo-as: — tanto me é grato ouvir-lhes o puro
"som, a se me desprender da estridúla penna
"d'aço. Teu affectuoso — G. Carducci."

Versos latinos de HORACIO

Alme Sol, corru nitido diem qui
Bromis et celas, alliusque et idem
Nasceris, possis nihil urbe Roma
Visere majus...

Fertilis frugum pecorisque Tellus
Spiccâ donet Cererem coronâ;
Nutriant fetus et aquae salubres
Et Jovis aurae.

Dí, probos mores docili juventae,
Dí, senectuti placida quietem,
Romulae genti date remque, prolemque,
Et decus omne.

Jam Fides, et Pax, et Honor, Pudorque
Priscus, et neglecta redire virtus
Audet, apparetque beata pleno
Copia cornu.

Versão CARDUCCI

Almo Sole, che col lucente carro fai sorgere e sparire il giorno e ritorni a nascere diverso e medesimo, possas tu contemplare cosa più grande, della città di Roma.

La terra fertile di frutta e di greggi dia a Cerere un corona di spighe e le acque salubri e le aure di Giove nutrano la prole.

ALMA COLLECTIVA

O Dei, date onesti costumi alla docile gioventù; o Dei, date alla vecchiaia placida quiete ed alla gente romulea date richezza, discendenza ed ogni gloria.

Gia la Fide e la Pace e l'onore ed il Pudore antico e la negletta Virtu osano ritornare e l'abbondanza si mostra col corno pieno.

VERSÃO GENERINO

Almo Sol, que com carro rutilante
Rompes o dia e o scellas, e outro, e o mesmo
Soes resurgir, nada maior que a "Urbs"
— Roma — contemples.

Que fertilima a terra em fruito e armento
Corôe d'aureas espigas a alma Ceres;
Aguas saudaveis, juventinas auras
Nutram-lhe a prole.

Deuses, á juventude sãos costumes,
Quietação á plácida velhice,
Dai á Romulea gente bens e filhos,
Gloria que a illustre.

Já ousa a Fé e a Paz e a Honra e o antigo
Pudor volver, com a immémore Virtude,
E sobre nós bemdicta cornucopia
Plena se entorna.

OBLATA

DA COSTA AMICO.

Questi poveri versi sono tuoi: guardateli. Anch'io sono traduttore d'Orazio. Ciò vuol dir che non sono ancor "capace di vergognarmi di sapere il latino",

come della moderna Italia ha detto il Carducci. — Ma, perchè "il latino brava l'onesta", oso aspettare la petrarchiana misericordia tua per la mia colpa portughesa d'aver qualque volta traditto il Gran-Poeta Venusiano.

Colla più grande affezione,
il tuo
GENERINO.

A MARSELHESA

(ROUGET DE L'ISLE)

Marchemos nós, filhos da Patria!
Da gloria o dia emfim raiou.
Contra nós homicida chatria
Pendão sangrento desfraldou. (Bis)
No campo ouvis rumor de passos
De soldadesca a desfilar?
Eil-a ahi vem vos degolar
Esposa e filho em vossos braços!

Que assim nos quer horda de escravos,
Traidores vis, vilões reaes?
Grilhões que taes p'ra nossos bravos?
P'ra nós serão ferros que taes? (Bis)
P'ra nós, Francezes! Ah! que ultrage!
Que indignação é de excitar!
— Se atrevem elles a sonhar
Com nossa antiga vassalage!

Pois que! Cohortes de estrangeiros
Em nossos lares leis darão?
E a nossos briosos guerreiros
Mercenarios aterrarão? (Bis)
O' Deus! ferrenhos invasores
Nos hão de as frontes sugigar?
Despotas vis se hão de tornar
De nossos destinos senhores?

Tremei, tyranos e homicidas,
Ralé de todas as facções!
Vossos projectos parrecidas
Vão ter emfim seus galardões! (Bis)
Soldado é quanto aqui se bate;
Si heróes novéis têm de cahir,
Outros da terra hão de surgir
Armados já para o combate!

Heróes de França! Heróes magnanimos!
Golpes vibrai, parai-os vós:
Poupai tão só flascidos animos
Que armar se deixam contra nós. (Bis)
— Nunca ao despota affeito ao sangue!
Aos vis vilões do vil Bouillé!
Chacáes que assim rilham até
Das proprias mãis o seio exangue!

Amor da Patria, Mãi querida,
Nos guia o braço e os corações!
O' Liberdade! O' mais que a vida
Vem tu lidar com teus campeões. (Bis)
Que, á nossa flámula, a Victoria
Accorra e cinja, á tua voz;
E possam ver, morrendo, heróes
O teu triumpho e a nossa gloria!

ALMA COLLECTIVA

(Estrophe das creanças — CHÉNIER)

Nós entraremos na fileira,
Quando, os que são, não forem mais,
Rastreando-lhes na poeira
Virtudes suas immortaes. (Bis)
Tendo em menos sobrevivêl-os
Do que seus fados imitar,
Teremos o orgulho sem par
De vingál-os ou succedêl-os.

Côro

A's armas, ó cidadãos!
Formai-vos em batalhões!
Marchai! Marchai! Que os vilões
Vão-se em sangue ás vossas mãos!

Rio, 21-IV-02.

HYMNO NACIONAL BRASILEIRO

(*Para ser cantado com a partitura de* F. MANUEL)

Côro

Brasileiros! De pé, Brasileiros!
Que o Brasil brasileiro ha de ser:
— N'estas terras de povos guerreiros.
Livres povos só devem viver.
E, si um dia servis estrangeiros
Seus servis nos quizerem fazer...
Uns por todos, brademos, inteiros:
— "No Brasil, ou ser livre ou morrer!"

Canto

Sobre a vaga do Atlantico espumante
Que o Amazonas no Prata vai rolar,
Vinte Estados, qual d'elles mais pujante,
Se ostentam, como gemmas de um collar.
Retalha o São Francisco esse gigante
Que o "Cruzeiro" e o "Equador" vive a mirar...
Mas, ai! de quem n' "Atlantida" offuscante
Com sacrilega mão vier tocar!

II

Nossas selvas transformam-se em cidades,
São docas nossos rios colossáes,
Aonde corações e actividades
Partilham nosso amor e cabedáes.
Aqui convivem todas as vontades,
Florescem convergentes ideáes...
Mas, ai! de quem tocar nas liberdades
Que um dia nos legaram nossos pais!

III

Nossas almas são como diamantina
Que a cultura idéal anda a polir;
Desde a do Mar á Cordilheira Andina,
Alargam-se, aguardando aureo porvir...
— Um dia esta enormissima officina
Em vinte outras se ha de dividir...
Mas, Patria! — emquanto o amor que nos domina
Fôr teu — has de ser livre e progredir!

Rio, 3-V-08.

A IMPRENSA

Hymno do Primeiro Centenario da sua fundação no Brasil

A' Associação Typographica Fluminense

Nascida na bruma da sábia Allemanha,
Como aguia que empluma, de um craneo se erguêo;
Cingia-a uma auréola de luz — luz estranha —
E a mythica alvéola seu vôo estendeo...

Côro

A ti, Zeus da Imprensa, a ti Gutemberg!
A ti esta immensa victoria da luz!
A Imprensa é almenara que altissima se ergue
E a turba inda inara dos povos conduz!

Pairou entre os mundos que romam no espaço
E aos limbos profundos da treva baixou...
— Vio quanto a alma humana sóe ver no regaço
Da terra que explana... vio tudo e exultou!

E Artes e Sciencias e Lettras e tudo
Que illustra as consciencias, firmando a razão,
— Dos cláustros o espolio que é herança do estudo —
Na folha ou no in-folio de todos já são.

Já tudo é de todos — que a Imprensa, que estreita,
Por todos os modos, os laços do amor,
Aos bons sentimentos as almas afeita,
Aos bons pensamentos dá curso maior.

E assim, solidário, foi que a Humanidade,
Continua e unitária, surgio tal qual é:
— Fallando por ella — que é a voz da verdade;
— Fallando por ella — que é a lingua da fé.

E a terra d'outr'ora, que era antro profundo,
De chofre se enflora de estranho arrebol!
E a bússola inventa! Desvenda outro mundo,
Que Atlante sustenta nos hombros ao Sol!

E o Sol era a Imprensa que se irradiava...
E o Atlántico a immensa caudal d'aurea luz...
E a America o mundo que em trevas rolava
No pégo profundo — que o Genio conduz.

Transpondo os limites d'Hercúleas Columnas,
Aos almos convites da Atlanta gentil,
Bandeando, no alardo, por syrtes e dunas,
— Na Patria do bardo — pousou no Brasil.

Fundou régia Imprensa; cantou-lhes as grandezas;
Por florea convença o escravo abolio;
Na praça, que é pública, arruio realezas;
E, alfim, a República, um dia, surgio!

Surgio — eil-a agora que rasga avenidas...
Que toda se enflora... Que é toda um jardim...
— Descerra as riquezas no seio contidas...
E idéas reprezas alargam-se emfim!

Na Ordem, que alenta visões de Progresso,
Risonho se ostenta seu bello Porvir;
Pois da Humanidade n'um templo confesso
Se prega, em verdade, que amar é servir.

Servir o que se ama, sabendo a quem serve!
— Eis todo o programma de um bom coração
Na Patria em que homem, que a sua conserve,
Sem peias que o domem, será cidadão.

Côro final

E a ti, Zéus da Imprensa! A ti, Gutemberg!
A ti essa immensa victoria da luz!
— Que a Imprensa é almenara que altissima se ergue
E a turba preclara dos povos conduz. (*)
Rio, 13-V-08.

(*) Este hymno foi expressamente escripto para ser cantado nas grandes festas sociolatricas com que a Associação Typographica Fluminense, alargando-se em Federação Typographica Brasileira, pretendia commemorar, a 13 de Maio, o 1.º centenário da fundação da Imprensa no Brasil; — festas cujo programma se acha publicado no "Diario do Congresso Nacional" de 10 de Dezembro do anno passado, com o discurso e projecto em que o illustre Sr. Esmeraldino Bandeira, prestimoso deputado por Pernambuco, patrioticamente acudindo ao seu appello, propoz que se lhe concedessem modestos mas imprescindiveis favores para a celebração do mesmo Centenário.

Sabe o Público que tal commemoração — que, além do mais, deveira constar de um cortejo historico em que, a etapas da evolução da imprensa, deveriam intercorrer factos decisivos da historia de nossa evolução nacional; de uma "Memoria Historica, commemorativa do progresso e desenvolvimento da Imprensa no Brasil, desde o primeiro impresso que vio luz de publicidade até nossos dias", que deveria ser, pelos rigorosos moldes scientificos, a que nos acostumou, primorosamente redigida pelo emerito biographo e historiador do "Marquez de Pombal", o notavel jurisconsulto, redobrado de um philosopho e de um poeta, que é o Dr. Antonio de Souza Pinto, talvez hoje o mais sobrio e correcto prosador da lingua portugueza, tanto aqui como em Portugal; e que deveria ter, como orador official, o eminente, profundo e eloquentissimo tribuno Dr. Barbosa Lima, subida honra e verdadeira gloria da tribuna parlamentar brasileira: — o Público sabe que tal commemoração se não realisou; — deixando, pois, de ter, como era de bem, digna e effusiva commemoração entre nós a gloriosissima data do 1.º centenário da fundação da Imprensa no Brasil — fonte primordial de todo o nosso progressivo desenvolvimento actual e futura grandeza; — pois tal se não póde dizer da 2.ª sessão ordinaria, pre-

sidida pelo Sr. de Rio-Branco, com que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, relegando a sua exposição de jornáes para a nossa proxima exposição industrial, e a publicidade da sua promettida memoria historica para um numero ordinário da sua Revista Trimensal, commemorou, de par com a immorredoura data do decreto que declarou extincta a escravidão no Brasil, sem ao menos recordar os nomes de João Alfredo, que o superintendeo e de Ferreira Vianna que o referendou, a excepcional data secular, a respeito da qual, em seu deficiente discurso, como historiador-philosopho, o Sr. Conde de Affonso Celso esteve inferior a si mesmo, e, como chronista, que se limitou a ser, ficou muito abaixo do Sr. Coronel Ernesto Senna, cujas informações e dados estatisticos, publicados no "Jornal do Commercio" são mais completos. — Um estupendo e vergonhoso *Fiasco*, larga e subrepticiamente subvencionado pelos cofres públicos.

E se não realisou — já agora convem rememorar *ad perpetuam rei memoriam* — graças, em parte, a incidiosos manejos postos em pratica pelo trefego Sr. Fleiuss, secretário e factotum perpetuo do Instituto, que, disputando precedencias e primasias, de resto impossiveis de se darem, não trepidou, em seu nome e, portanto, com a sua responsabilidade — em — e assim se faz a Historia! — falsear a verdade — publica e notoriamente sabida e que, com a propria imprensa diaria a que se soccorreo, lhe poderá ser irrecusavelmente provada; e, principalmente, graças ao *jogo da péla* com que, tendo-a retido dois mezes sem despacho, afinal o Sr. David Campista devolveo para o Congresso o conhecimento de uma petição em que a Associação Typographica Fluminense lhe impetrava — sem dispendio algum para os cofres públicos — a publicação do respectivo programma na Imprensa Nacional e pequenos favores exclusivamente dependentes do seu ministerio, e ao *abat-jour* que, sob o patriarcal governo do Sr. Affonso Penna, e provavelmente sob a sua observante inspiração, o profeto e relator da Commissão de Finanças da Camara dos Deputados poz sobre o projecto — Esmeraldino, pedindo — nos últimos dias da passada sessão — que fossem sobre elle ouvidos o mesmo Sr. Ministro da Fazenda e o da Industria e Viação, que, segundo consta, por seu turno, mandou ouvir o Sr. Presidente da futura e problematica Exposição Nacional, em cujo poder ainda deve estar, — sem duvida aguardando opportunidade para que tambem seja sobre elle ouvido o Sr. Cardeal Arcoverde, que é quem liga no Céo o que o Governo desfaz na terra! — De sorte que, si Elle não mandar o contrario, é bem possivel — provavel mesmo — que, até meiados do seculo XXI, possa a malfadada e paciente Associação commemorar... o 1.º centenário da fundação da Imprensa no Brasil!

Como quer que seja, porém, em falta de outro que mais virtudes tenha, o "Hymno do 1.º Centenário da fundação da Imprensa no Brasil" está feito — só resta musical-o. E, dando-o á luz da publicidade, não levo em mira outro escopo, sinão ter cumprido religiosamente o meu piedoso dever de filho agradecido á nossa carinhosa — ia escrevendo Mãi-Preta! — mãi de creação commum, correspondendo o captivante appêllo que, por parte da Associação, me fez o seu digno e esforçado ex-presidente, Sr. Manuel Francisco da Trindade: — quando os mais bem dotados desertam o lar, não é muito de reparar que o filho — não prodigo mas engeitado — volva á casa materna; n'ella haverá sempre um cantinho para uma cariciosa dedicação, quasi anonyma... — Oxalá possa ella reavivar a rescaldada scentelha de algum mais competente porém quasi apagado lume, servindo ao mesmo tempo de protesto contra a glacial indifferença, o desamor ingrato, o tumular abandono, em que — todos — governos e governados — têm criminosamente deixado cahir a magnanima e dadivosa Filha de Gutemberg n'esta plumitiva terra do Brasil.

HYMNO DA INFANCIA ESCOLAR

(Para quatro vozes)

Aos illustres professores Cyridião Buarque, Rangel de São Paio e Francisca Izidora.

Coriphêo

Nós somos a infancia,
Gentil, fetichista,
Que emprende a conquista
Do mundo idéal;
E, n'essa aurea estancia
De risos e flores,
Acorda aos albores
Da luz cerebral.

Côro a quatro vozes

Um mundo, inda innoto,
De amores, que assombra,
Palpita na sombra;
Busquemol-o nós!
Amor seja o moto
Da nossa existencia;
Que, amando, a sciencia
Se aprende, veloz.

CORIPHÊO

Amar! Todo o estudo
Resuma-se n'isto:
"Eu sei por que existo,
Pois vivo de amor!"
Amor nos dá tudo;
A amor tudo cede;
Quem ama, procede,
Na vida, melhor.

Côro a quatro vozes

Um mundo, inda innoto,
De idéas, que assombra,
Se agita na sombra;
Busquemol-o nós!
Amor seja o motto
Da nossa existencia;
Que, amando, a sciencia
Se aprende, veloz.

CORIPHÊO

Quem sabe o que ama,
Agir faz o affecto:
Robusto intellecto,
Tem bom coração.
Bondade reclama
Sciencia infinita:
Quem ama, se agita
Sabendo a razão.

Côro a quatro vozes

Um mundo, inda innoto,
De creanças, que assombra,
Desperta na sombra;
Busquemol-o nós!
"Saber" seja o moto
Da nossa existencia;
Que amor, com sciencia,
Se aprende, veloz.

CORIPHÊO

Sentir, como sabios,
E agir, como santo:
— Da vida eis o encanto
E o nosso phanal.
A "Ordem" nos labios,
"Progresso" ante a vista:
Infancia! á conquista
Do mundo idéal.

Côro a quatro vozes

Um mundo, inda innoto,
De bençãos ,que assombra,
Já canta na sombra,
Já cai sobre nós!
Que "Amor", sendo o moto
Da nossa existencia,
Amando, a sciencia
Se aprende, veloz.

Rio, 1886.

HYMNO DA INFANCIA ESCOLAR

(*Para o sexo feminino*)

Somos nós que, da infancia entre as rosas,
No a-b-c soletrando a sciencia,
Caminhamos, creanças ruidosas,
Na vanguarda da patria existencia.

Somos nós que, sorrindo e brincando,
Da puericia nas veigas formosas,
Aprendemos a amar, soletrando
Vossos nomes, ó mãis carinhosas.

Ternos pais, somos nós que, aprendendo
A entender e seguir vosso exemplo,
Pelos filhos que — mãis — formos tendo,
A' sciencia ergueremos um templo.

E, si amando ou pensando ou agindo,
Nós ouvirmos, Mãi-Patria, os teus brados,
Como heróes, tuas dores sentindo,
Nossos filhos serão teus soldados.

Côro

Entre risos e flores, avante!
Eia! avante! á conquista da luz!
Somos nós a phalange, inda infante,
Que os destinos da Patria conduz.

Rio, 6-VII-92.

HYMNO A' TERRA

Aos grandes heróes obscuros da Agricultura
Aos sublimes condemnados que regam a Terra com o improbo suor do seu rosto.

"Laboure et sème! Qui sème avec pureté accomplit toute la loi. Celui qui donne à la terre du grain fort est aussi grand que s'il avait fait mil sacrifices. La justice est née du sillon."

MICHELET — *Bible de l'Humanité.*

Cavai a Terra, audaz, continuamente,
Cavai-a com amor e com carinho.
— A Terra tem direitos á semente,
Como ao ar e alimento o passarinho.

Homens do campo! a Terra é a independencia;
Liberdade, o trabalho; a industria, sciencia.

Ella é boa, e fecunda, e casta, e pura.
— Justiça á Terra que inda espera a mésse
Lembrai-vos que o futuro é a agricultura:
— Inculta, ella maldiz; culta, agradece.

Homens do campo! á enchada e á charrúa!
Bemdicto o braço que, cavando, súa.

Tudo — tudo! — o que existe no universo,
Ou Provém da mulher ou vem da Terra:
— A mulher, pelo amor, dá-nos o berço;
A Terra , pelo esforço, o quanto encerra.

Homens do campo! Ide; Abri-lhe um fosso;
N'elle existe um thesouro: — E' vosso! E' vosso!

A Terra é nossa Mãi; nós lhe devemos
Amor e gratidão: — forçoso é honral-a!
Quando ella nos diz, sequiosa: "Amemos!"
Devemos com suor sempre regal-a.

Homens do campo! a Terra é a Felicidade:
Amai a Terra, isentos de maldade.

Quando um sulco se lhe abre, ella responde
— Pródiga Ceres — com seus pomos d'oiro;
Porque, da cornucopia que ella esconde,
O inesgotavel fundo é immoredoiro.

Homens do campo! não tenhais receio;
Quanto mais dá, mais tem que dar, no seio.

Não cuideis que ella guarde para eleitos
O melhor do seu sangue, egoista amante;
Tem o ubre replecto de proveitos:
— Quando arvore não dá, forja um diamante.

Homens do campo! Amai-a sem cubiça:
Do sulco d'esse amor nasce a justiça.

Quando, caniculares, soprem ventos,
Requimando-lhe a seiva e os mil encantos,
Adubai-a com vossos pensamentos;
Regai-a com o melhor dos vossos prantos.

Homens do campo! a Terra, quanto embebe,
Restitue — dá bem mais do que recebe.

E' como um coração de Mãi solerte,
Que reparte o que tem com cada filho...
— Com esta condição — não ser inerte —
E um requisito mais — nem peralvilho.

Homens do campo! é vossa Mãi a Terra:
Tudo dá... mas castiga o filho que erra.

Trabalhai! Trabalhai! porque o trabalho,
Que move o arado ou brande a picarêta,
Si é planta de raiz, pega de galho,
Mas produz — tudo faz sobre o planeta.

Homens do campo! trabalhai — que o esfôrço
Só não ajuda aquelle que anda ao côrso.

Plantai a bel prazer — malvácea téxtil...
Doce gramminea... rubiácea ardente...
Mas... plantai-a — que a Terra — orgão eréctil —
Se esterilisa á mingua de semente.

Homens do campo! fecundai a Terra
Que prodigamente dá quanto ella encerra.

E, quando exhaustos de um viver penado,
Nós lhe volvemos para o seio mudo,
A Terra nos recebe de bom grado:
— Nada nos pede e... ainda nos dá tudo.

Homens do campo! a Terra é uma retorta
Que restitue mais viva coisa morta.

Mas a Terra quer paz; — é só com a ordem
Que floresce o Progresso sobre a Terra.
E, pois, que os vossos corações se accordem:
— Amai-vos uns aos outros — guerra á guerra!

Homens do campo! o sangue derramado
Não fecunda, — deshonra o solo amado.

O sangue é a vida e a vida — toda inteira! —
Deveis votar-lhe como eterna prece:
— O trabalho é a oração mais verdadeira
Que á Mãi commum exalça a humana especie.

Homens do campo! trabalhai unidos:
— Vencedores sereis — nunca vencidos.

São Paulo — 76.

CANÇÃO DO TRABALHO

E' dia. Acorda... trabalha!
Imita o sol... o sol arde.
— Esta vida é uma batalha,
Que finda á tarde.

E' tarde. Addia... repousa!
Busca o sol onde se acoite.
— Esta vida não é cousa,
Que finda á noite.

E' noite. Dorme tranquillo!
O céo de estrellas se junca.
— Vida sã é como aquillo...
Não finda nunca!

Rio, 08.

DIES IRAE

HYMNO CATHOLICO

Dia de ira ha de ser aquelle dia
Em que o seculo volver á vasa fria,
De David com Sybilla á profecia.

Que invencivel tremor se ha de dar,
Quando o eterno Juiz vier julgar
E estrictas contas, do que fôr, tomar!

Trombeta estrugirá, d'horrido entono,
Das sepulchráes regiões turbando o somno,
E a todos congregando ante o seu throno.

Estupefar-se-hão mente e natura,
Quando ressuscitar vil creatura
E responder á eterna inquisitura.

Sentença imparcial proferirá,
Em que tudo o que ha se conterá
E sem recurso o mundo julgará.

Quando o Juiz então se houver sentado,
Quanto occulto estiver, ter-se-ha mostrado;
Nada, por castigar, terá ficado.

Como ha de commover Juiz tão duro
Quem não tiver patrono e fôr impuro?
Só o justo estará então seguro.

O Rei de temerosa magestade
Que, salvando, só salvas por bondade,
Salva-me a mim, ó fonte de piedade!

HYMNO DE GARIBALDI

VERSÃO COMMEMORATIVA DO "XX DE SETEMBRO"

A' Colonia Italiana no Brasil.

Discerram-se as tumbas; levantam-se os mortos;
Os martyres nossos revemos, absórtos:
— Espadas em punho, lauréis sobre a fronte,
No peito — ignea fonte — de Italia a paixão.

Corramos! Corramos! Sús, jovens fileiras!
Desfraldem-se aos ventos as nossas bandeiras!
Sús, todos com ferro! Sús, todos com fogo!
— De Italia com o fogo no seu coração!

P'ra fóra de Italia! P'ra fóra ligeiro!
P'ra fóra de Italia! P'ra fóra, estrangeiro!

A terra dos carmes, dos sons e das flores,
Que volva a ser terra de armados senhores!
Cadeias, aos centos, lhe pendem do braço,
Mas sabe inda o aço Legnano brandir.

Bastão de Tedescos á Italia não doma!
— Escravas, não medram styrpes de Roma!
Não mais quer a Italia que a opprimam tyrannos;
Pois ha muitos annos que os anda a servir.

P'ra fóra de Italia! P'ra fóra ligeiro!
P'ra fóra de Itaila! P'ra fóra, estrangeiro!

As casas de Italia, p'ra nós foram feitas,
E, sobre o Danubio, nas tuas, te estritas;
Os campos talaste... nem pão para os filhos!
— Porém nossos filhos... são nossos — têl-o-hão!

Nos cercam dois mares e os Montes Alpinos;
— Que rompam igneo carro os teus Apeninos
Por terra as divisas da velha fronteira,
A nossa bandeira domine a amplidão!

P'ra fóra de Italia !P'ra fóra ligeiro!
P'ra fóra de Italia! P'ra fóra, estrangeiro!

Que as linguas se calem! Que aprestem-se os braços!
Só para o inimigo volvamos os passos:
E já, transmontando, se irá, n'um momento.
Si um só pensamento na Italia houver só!

Não basta a victoria das hostes guerreiras:
— Que fechem-se aos ladros de Italia as lareiras!
As gentes de Italia são uma — e, aos centos,
— Cidades-portentos — não mais que uma só!

P'ra fóra de Italia! P'ra fóra ligeiro!
P'ra fóra de Italia! P'ra fóra, estrangeiro!

Rio, 20-IX-99-08.

HYMNO A' INTEGRIDADE VIRIL

(HUFELAND)

Ao Confrade e amigo R. TEIXEIRA MENDES

Feliz quem, desdenhando a volupia que enerva,
Da saúde o thesoiro incólume conserva.

Por verdadeiro heróe, dignissimo é que o tomem;
Esse póde dizer, impávido: "Sou homem".

Como junco, a altear-se á beira da corrente,
Cresce em graça e belleza, altiva e livremente.

Todo o poder de um Deus se ostenta no seu peito:
E' Apollo soberbo, em fortaleza e aspeito.

Na mente, que afervora, almo e divino alento
Dá-lhe nova impulsão ao livre pensamento.

E, a terra abandonando, entre nimbos realça,
Como û aguia que fita o sol e o vôo exalça.

Quem o vê caminhar com toda a magestade,
Pelo andar, crê que é um Deus; — tem tal serenidade.

Um ar de soberano envolve-o, como escudo:
Nada pede — ao contrario — é elle quem dá tudo.

Tem no olhar scintillante a limpidez divina
De uma fonte sombria, argentea, crystalina.

E'-lhe o rosto arrebol suavissimo, esplendente,
E a fronte, que dá leis, venera-a toda a gente.

Olhos só tem para elle a virgem que suspira;
E prazer ou desgosto, elle lh'os dá, lh'os tira.

Mas, vezes mil feliz a que o houver fascinado
E a quem chamar de esposa, um dia, o bem amado.

HYMNO A' INTEGRIDADE CORPORAL HUMANA

PELA EDUCAÇÃO OU CULTURA SYSTEMATICA DA NATUREZA PHYSICA, INTELLECTUAL E MORAL DO HOMEM

Variações acrostico-onomasticas sobre o lemma da Gymnastica:

— "Firme, Forte, Franco e Fiel" —

(Laureado com corôa d'oiro em concurso interestadual instituido pelo director de educação physica do Estado do Maranhão, Capitão-tenente Miguel Hoerhann, na Cidade de São Luiz, em 24 de Fevereiro de 1904).

Ao Eminente e ardoroso educador.

"Mens sana in corpore sano".

Feliz o que, ao nascer de um par, virtuoso e forte,
Igual destino herdou e o cumpre até á morte.

Rei, na Terra, não ha, que o vença em realeza;
Mesmo plebêo, de casta, — é Rei por Natureza.

Esse, tendo alma nobre e tendo pulso *firme*
Fará tudo o que sente e pensa e quer ou affirme.

Ostenta impavidez, que o torna, altivo e austero,
Rival dos immortáes — um semi-deus de Homero.

Tem tudo quanto aspira; e, vencedor da sorte,
E' o Heróe verdadeiro, inquebrantavel, *forte*.

Força não ha que o dome ou pena que o esmoreça,
Reside, no seu corpo immune, alma indefêssa.

Amor, que indúl-o a bem servir o objecto amado,
Não cessa de o alentar nem trál-o assoberbado.

Como Cid ou Bayardo, o Boer ou o antigo Franco,
O verdadeiro Athleta é generoso, é *franco*.

Faz-se mister, porém, que o tenha, para tanto,
— Intensa educação! — Schoereber feito um Santo.

E feito Augusto Comte û alma a Miriel:
— Lemma vivo, Esse é *"Firme, é Forte, é Franco, é [Fiel"*.

Rio, 4-XII-1903.

BRASIL

FRAGMENTO DE UM HYMNO

COMMEMORATIVO DO 4.º CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL.

Dormente na curva da vaga espumante
Que, outr'ora, rolara das urnas de Atlante,
Um mundo de sonhos e selvas e flores
— Um mundo de amores! — quêdava em torpôr.

Da róta das Indias, Cabral, navegando,
A' garra do "streem", se foi afastando;
E, ao ver que se erguia no incerto horizonte
Phantástico monte, sagrou-o ao Senhor.

"Paschoal!" por El-Rei! Por Lysia e Jesús!
São terras da Patria! São terras da Cruz!

"São terras da Patria!" E, audaz Palinuro,
Com os seus desce ao valle de "Porto Seguro":
"A Cruz bem nos guia! — Nos Cinge o Cruzeiro!"
E ergueo-lhe um madeiro, da posse em signal.

E, então, n'aza errante da prece infinita,
A' Patria — distante phanal que o concita —
Envia a saudade — cruel mensageira —
Como alviçareira da nova immortal.

"Real, pelas Quinas! Padrão divinal
Te faz "Vera-Cruz! — Sê, pois, Portugal!"

Desnudos caboclos, de plumas luzentes,
A estranha aventura contemplam silentes;
E, pasmos da audacia d'aquelles vassalos,
Nem ousam tocál-os com flecha subtil!

E, assim, do arvoredo que os tinha pendentes,
Lhes pondo na pelle da brasa os tons quentes,
Fiel Argonauta, de uns povos guerreiros,
Nos fez brasileiros — chamou-nos "Brasil".

E... embora emboabas, Atlanta gentil,
Reduzam-te a brasas... serás o Brasil!

Brasil! Que de assombros teu mappa revela!
De prazios ardentes teu céo se constella!
Descendo dos Andes, — caudal Amazonas!
Nas frigidas zonas, — do Prata o murmúl!

E, ao centro — centauro de túrgido seio
Que os invios e extensos sertões corta ao meio —
Feraz São Francisco, que empina a garupa,
Na grã catadupa que irisa um paúl!

Tres grandes estuários que, ao norte e ao sul
E a oeste, se cruzam no Atlantico azul!

Tres grandes estuários que rolam nas veias
Doiradas pepitas por fulvas areias;
Mais ferteis que o Nilo — creando, á porfia,
Vivaz pedraria de estranho fulgôr!

E, como outros tantos leões de granito,
Que ennublam as jubas no espaço infinito,
Cadeias de montes que têm por fronteira
A gran-cordilheira que entesta o equadôr.

Vapor nebulando-se em prazios no azul!
Ao norte alta estrella, cruzeiro no sul.

Scenario de fadas, que a Atlantida, outr'ora,
Lendára, surgindo do mar, como a aurora!
E tribus guerreiras de athleticas donas
— Cruéis Amazonas — talára, ao passar!

E onde africano, que exempla os seus pares,
Penetra na Historia pulando os Palmares!
E onde o gaúcho, varando a savana,
N'um pingo minuana, boleando o muar!

Paiz dos assombros! Paiz sem rival!
Que entraste o Occidente por mão de Cabral!

Aqui, na clareira da virgem floresta,
Guerreia uma tribu, pompeia uma festa,
E, em torno da taba que a tribu partilha,
Rescende a baunilha de cálido olôr.

E, quando, com a noite que desce a montanha,
A selva n'um raio de lua se banha,
Na rêde indolente, que embala a jurema,
Lyndóia ou Moêma suspira de amor.

Ai terras dos sonhos em que, ao calôr
Da sésta, a cabocla suspira de amor!

Que é feito da ingenua creola poesia
— Folk-lore que as almas fetiches enchia?
— Guerreiros e mythos se foram da terra
— Tupá! Deus da guerra! — com Caramurú!

Encheram-se as selvas de vis emboabas!
Talaram-se os campos! Ermaram-se as tabas!
Cidades surgiram... Moema morria...
Lyndóia morria, picada a urutú...

Princeza das selvas foi Paraguassú...
E o ingrato emboaba se fez manitú!

E então, como aduncas, vorazes harpias,
Que viessem no espaço revoando sombrias,
Escorias das raças marinhas da Europa
Vieram em tropa nas selvas pousar.

E logo se foram — que o luzo ou o jesuita
A' cruz ou trabuco defende o que habita,
Embora proteste, trahindo o jurado,
O esquartejado e infiel Calabar.

Depois fome e sêde só d'oiro e diamante
Poz febre no sangue do audaz bandeirante.

HYMNO A' ARVORE

Vens brotando do ámago da terra
Tenue vergontea apenas bifolhada,
Tu que foste semente germinada
Com toda a seiva no humus que ella encerra.

Tenrinho sêr que um sangue d'alvorada
Fortalecesse contra o ambiente em guerra
Cresceste — e o tronco em galhos se descerra
E chegaste a ser arvore copada.

Da Primavera á luz cariciosa
Floriste — entraste em plena puberdade
Fructificaste — e és, arvore frondosa,
Ancestral d'esta vegezalidade.

Purificando o ambiente, o oxigenaste,
Absorvendo do ar toda a humidade
Foste o pulmão da terra e resguardaste
Na infancia, á tua sombra, a Humanidade.

Côro

Bemdicta sejas tu, arvore antiga
Que, em teu verde regaço em floração,
Nos dás, com tua seiva e sombra amiga,
A flor e o ar, o fructo e a habitação.

Rio, 19-VI-910.

HYMNO A' BANDEIRA

"In hoc signo vinces".

Cidadãos! A Republica está feita
E condensada em nosso pavilhão,
Como n'um schema e synthese perfeita
Que — auri-verde — se estrélla n'amplidão!

No dia em que nasceo, o Céo e a Terra
Se ostentavam n'aquella posição;
E, tudo quanto aquelle ou esta encerra,
Brilha e floresce em nosso pavilhão!

O nosso alegre verde e lúcido oiro
Se enlaçam na mais intima união:
— Nossa bandeira é, assim, rico thezoiro
De esperanças e sonhos n'amplidão!

A "Cruz Imperial" se fez "Cruzeiro"
E a "Esphera Armilar" mudou-se então
Em "Planispherio Austral" no azul fagueiro
Das dobras do auri-verde Pavilhão!

E, como si devera — mais expresso
Idéal — nos fallar ao coração,
Teve por lemma a "Ordem e Progresso"
Que todo mundo aspira, com razão!

— Morte a quem offendêl-o! Elle fluctúa
Como signo de paz... Mas — não é, não! —
Não é digno de têl-a como sua
Quem, contra essa bandeira, erguer a mão!

Canudos e a Revolta, em cada chatria,
Viram-n'o erguer-se... E — Invicto Pavilhão! —
Nossa Bandeira é o Symbolo da Patria
Que — auri-verde — se estrélla n'amplidão !

Côro

Que cada peito seja invicta chatria
Em defeza do nosso Pavilhão!
— Nossa Bandeira é o Symbolo da Patria
Que — auri-verde — se estrélla n'amplidão!

Rio, 18-XI-08.

HYMNO NACIONAL ARGENTINO

(Versão Generino)

Resôou nosso grito sagrado:
"Liberdade!" se ouvio, com amor;
E, de rôtas cadeias, o brado
De igualdade vibrou em redor.
E' que se ergue na face da terra
Uma nova e gloriosa Nação,
— Corôada de louros a fronte
E a seus pés prosternado um leão.

De modernos Athletas os feitos,
Até Marte parece incender!
A grandeza se aninha em seus peitos,
Fazem tudo, a seus passos, tremer!
Se commovem os Incas nas tumbas...
E seus ossos recobram vigor!
E' que vêem, renovado em seus filhos,
O da Patria vetusto esplendor.

Porém ouvem-se muros e serras
Retumbar com medonho fragor...
Se conflagar o Paiz todo em guerras
De vingança e odiento furor...
Em tyrannicos ferros a Inveja
Esculpio seu mortifero annel...
E o sangrento estandarte levanta,
Provocando matança cruel!

A victoria ao guerreiro Argentino
Com su'aza brilhante cobrio;
E, de vêl-o, o tyranno, mofino,
Com infamia, covarde, fugio!
Ja bandeiras e armas se rendem...
— São dos livres opimos trophéos;
E, nas azas da gloria, alça a fronte
O argentino pendão para os céos.

Deste pólo ao outro pólo resôa
Já da Fama o sonoro anafi...
E da America o Nume adextrado
Llhes repete: "Mortáes, eia! Ouvi!"
Já lhe temem soberba altivez
As Provincias — Unidas respondem:
Ao Gran-Povo Argentino: "Exul!"

Côro

Os lauréis eternos sejam
Que soubemos nós obter!
— Corôados de gloria vivamos
Ou juremos com gloria morrer!

HYMNO INAUGURAL DO MONUMENTO A FLORIANO PEIXOTO

(PARA SER MUSICADO POR QUEM LHE SENTIR A EMOÇÃO)

Aos defensores da Republica contra a Revolta de Setembro.

A' Commissão que o promoveo e fez erigir.

"Jurei salvar a Republica ou morrer com ella, amortalhado em seu pavilhão".
— O MARECHAL DE FERRO, em momento decisivo.

Patriotas! Da Patria o amor sagrado
Não é sómente amál-a com fervor,
Mas servil-a e morrer como soldado,
Si por Ella morrer preciso fôr.

Quando a Patria gemia, angustiada,
A' revolta do orgulho e da ambição,
Elle foi que ,sem mesmo usar da espada,
Conteve a rubra vasa da traição.

Caim, que houvesse em todo o mar ou terra,
Armado braços matricida ergueo;
E só elle, que a astucia armára em guerra,
Com seu amor primeiro a defendeo.

Tinha a fria coragem que nos falla
De um batalhão que a morte dizimou;
E com que respondeo, sereno: "A' bala!"
Quando a insidia estrangeira o interrogou.

Tinha a calma prudencia previdente,
Que, em Santa Cruz, a audacia corrigio;
E que "neutralisou", geitosamente,
Quem contra a Patria — em vão! — depois agio.

Tinha a tenaz firmeza, que persiste
E em coragem transforma o coração;
E, a "Confiar, desconfiando" assiste
A' victoria da Lapa ou da Armação.

Tudo tinha! Não tinha, tão sómente,
Quem mais amasse a Patria! — E esse alto amor,
Erguendo toda a Mocidade ardente,
Salvou a Patria — e fêl-a inda maior.

E quando exhausto de impedir o crime,
Morreo... ergue-lhe a Patria este Padrão:
— Patriotas !Da Patria é amor sublime
Servil-a emquanto bate o coração.

Patriotas! Da Patria o amor sagrado
Não é sómente amál-a com fervor,
Mas servil-a e morrer como soldado,
Si por Ella morrer preciso fôr.

Rio, 21-IV-910.

HYMNO DOS OPERARIOS

Sois, Irmãos! Sois, Companheiros!
Vinde, em filas, á trincheira!
Sobre a liberal bandeira
Brilha o sol d'almo porvir.

Contra as penas, contra o insulto,
Mutuo pacto nos recate:
— A gran-causa do resgate
Ninguem ha de aqui trahir!

O resgate do trabalho
Do Operario obra será:
— Viveremos do trabalho
Ou, qual de nós, morrerá!

O arrozal e o atroz minério
Nos tolheram todo intento,
Como o bruto de um armento
Desfructados por senhor!

E o senhor, que combatemos,
Nosso pão nos tem roubado,
Promettendo um jámais dado
Amanhã desolador!

O resgate do trabalho etc.

Capitalismo execrando
Nos trocou por molas d'aço;
E outros sulcos nosso braço
Condemnou a fecundar.

Que o instrumento do trabalho,
Entre as mãos dos irridentes,
Sane os odios e entre as gentes
Chame o Direito a triumphar.

O resgate do trabalho etc.

Si, um por um, somos canalha,
Seremos, num só, potentes:
— Seremos nervo das gentes
Que tem braço e coração.

Tudo que ha, suor é nosso.
Não desertar: que atacamos!
E é nossa senha: "Insurjamos"!
— Longa foi a provação.

O resgate do trabalho etc.

Maldição a quem gandeia
Na ebriez e torpe orgia,
Quando um homem se escrucia
Sem um pão e sem amor!

Maldição a quem não geme
E de irmãos á dor se cale.
A quem de paz só nos falle,
Sob os pés de um oppressôr!

O resgate do trabalho etc.

Seus limites scellerados,
Nos trancam aos Mensageiros:
Inimigos estrangeiros
Não 'stão longe mas aqui.

Guerra ao reino atroz da guerra,
Morte ao reino cruel da morte,
Contra o direito do mais forte,
Força, Irmãos, — que o vejo ahi.

O resgate do trabalho etc.

O' Irmãos d'ardua fadiga!
O' Consortes dos affanos!
Que aos negreiros e tyrannos
D'este o sangue e o bello que ha,

Aos imbelles ou domados,
Não mais brilhe o vosso riso;
— Um exercito diviso
Nunca a victoria terá.

O resgate do trabalho etc.

Si a igualdade não é fraude;
Fraternidade ironia;
Si luctar não é mania,
Por ser livre, no porvir:

Sois, Irmãos! Sois, Companheiros!
Que os pobres são todos servos!
Com ignavos e protervos
E' vileza tranzigir!

(Versão — GENERINO).

INHA'-NÔ-A-Ú VÉGNÔMÔ

HYMNO BOTUCUDO

Em honra a Ratagnára-Menglê

Commemorando o 1.º Centenario da emancipação politica da America Portugueza

Minha Terra é o torrão em que nasci
E, commigo, vem ter quem me quer bem:
Nunca, á força ou *ti-pum*, me submetti!
— Ninguem me escravisou! Ninguem! Ninguem!
Botucudo feroz...
Chamou-me, luzo algoz!

E, *"indomavel"*, *"votado ao extermino"*,
Me confinei na selva onde cresci:
— Partilharam-se estranhos meu dominio...
E estranho sou na Terra em que nasci!
Botucudo feroz...
Para a bala do algoz!

Faminto, hoje percorro a êrma floresta
Virgem, onde, liberrimo, vivi:
Dos meus rios e serras, que me resta?
— Um Posta... e a escravidão, que repelli?
Botucudo feroz...
Feroz é o teu algoz!

Mas si, commigo, um Ratagnára vem
— Leal Meng-lê — fraternisar aqui...
Ao seu "Vos quero bem!" já respondi:
— Botucudo! Eu tambem te quero bem!
Botucudo feroz...
Meng-lê não é algoz!

HUMANIADAS

LIVRO SETIMO

ALMA ALHEIA

FILIPPA DE VILHENA

SONETO DO CYCLO DA CAVALHERIA EM PORTUGAL

A Luiz Nobrega, seu fiel traductor italiano

A bem vós, filhos meus e meus herdeiros
D'animo santo e firme e valoroso!
E por vós corre em sangue generoso
Nas veias, quero armar-vos cavalheiro!

Por Deus e pela Patria, entrai guerreiro!
— Condestaveis sereis, que mais não ouso:
Só ouso pôr minh'alma e meu repouso
Onde agrilham meus restos derradeiros.

I-vos agora! E é terdes bem presente
Que o aço de Toledo tambem corta
Coração que o tempera em pranto ardente

I-vos, que o meu amor vos barra a porta,
Si, não voltares heroes da imiga gente,
Escusais de saber que serei morta

FILIPPA DE VILHENA

GENERINO — VERSÃO LUIZ NOBREGA

Or bien voi, figli miei, eredi altièri
d'artito cuore fermo e valoroso!
Poichè vi avvampa un sangue generoso,
venite, voglio armarvi cavalieri.

Per la Patria e per Dio, prodi guerrieri,
Conti almeno sarete, e piú non oso;
ma poamez quest'anima e l'mio ripogo
deva innochiam miei voti a miei pensièri,

Ite; e alla mente avete ben presente:
taglia il fer di Toledo, benchè o morta,
anima che lo trempa in pianto ardente.

Ite; vi chiude l'amor mio la porta
— Si non venite eroi d'avversa gente
Non venite giammai, ch'io saró morta.

A CORÔA DE ESPINHOS

(A. HOUSSAYE)

Quando o poeta passa, em pleno Abril da vida,
Colhe, amoroso, a flor que encontra em seu caminho.
— Myosote ou lilás, tulipa ou rosmaninho,
Tudo lhe apraz e encanta a alma embevecida.

Ninon tem a mais bella ou Sylvia a mais querida,
Para ennastrar-lhe a transa ou enfeitar-lhe o corpinho:
Lembrança d'um olhar, promessa d'um carinho,
— E' colher, que da flor destino é ser colhida.

Poetas, colhei a flor das illusões queridas!
— Segui vossas visões phantasticas, hauridas
Dos mundos do ideal nos aureos torvellinhos.

Mas, quando houver murchado a corôa de flores,
Não derrameis jamais o pranto dos amores:
— Porque, então, vós tereis corôa... mas de espinhos!

A HERVA

(D'ANNUNZIO)

(*Versão para o* FRITZ SILVEIRA)

Herva que o pé supplanta, creatura
Humiilma da terra, tu que nasces
Por onde quer que, em tenue hastil, te enlaces,
Em plena gleba ou n'uma rachadura;

E sempre viva, esperas a futura
Primavera no horrido gelo, e pasces
Innumeros armentos, e renasces
Mais sempre viva após a esmagadura;

Herva immortal que o pé, calcando, sente,
D'homem sei eu, que semeou no mundo
Uma semente assim doce e tenaz,

E nada estinguir pode tal semente,
A alma que pena em cárcere profundo,
Onde germina a herva humilde em paz.

UM DOS 24 SONETOS DE BENEVENUTO CELLINI

ESCRIPTO NO CARCERE EM 1550

Versão — GENERINO

A arte, os bens, a alma, o pundonor,
E' quasi, escarninhamente, ainda a vida
Levar-me; a, si me não der Deus guarida,
Querer tentar meu ultimo valor

Tens duro o coração, Patria de amor!
E, Senhor, porque estrella é compellida
Tu'alma a um servo teu dar tal ferida
Em premio de um tão immortal lavor!

A obra do insciente Bandinello,
Com têl-o enchido d'oiro injustamente,
O mundo fez sorrir de mófa ou dó...

Quem, no mundo já vio rapaz mais bello
Que o meu Persêo? — E', entre humana gente,
Quem não tocal-o, o mesmo que estar só?

CELEBRE SONETO DE PETRARCA

A Pandolfo Malatesta, Senhor de Rimini

VERSÃO — GENERINO

Do que ereis, inda em flor, a espectativa
Quando Amor vos entrou a dar batalha,
Fructo agora produz da mesma igualha
— E espero se vos torne progressiva.

Mas diz-me o coração que só vos priva
Coisa que a vosso nome apreço valha,
Que, em parte alguma, e com razão, se entalha
Para marmorisar pessôa viva.

Cuideis, talvez, que Cesar ou Marcello
Ou Paulo ou Africano, fossem taes,
Sendo feitos por inende ou martello?

Caro Pandolfo, marmores... metaes...
Consome o tempo... — E é nosso officio e anhelo
Fazer, por fama, os homens immortaes.

IN MORTE DE LAURA

FRANCESCO PETRARCA

Soneto XXXI del Canzoniere, secondo l'autografo con le note di Giuseppe Rigutini etc. 2ª ed. interamente rinnovata. Milano, 1908.

Questa anima gentil, che si diparte,
Anzi tempo chiamata a l'altra vita,
Si lassuso è, quanto esser dè, gradita,
Terra del ciel la piú beata parte.

S'ella riman fra l'terzo lume o Marte,
Fia la vista del sole scolorita
Poi ch'a mirar sua bellezza infinita
L'anime degne intorno a lei fien sparte.

Se si posasse sotto al quarto nido,
Ciascuna da le tre saria men bella,
Et essa sola avria la fama e'l grido.

Nel quinto giro non habitrebbe ella;
Ma, si vola piú alto, assai mi fido
Che con Giove si vinta, ogni altra stella.

NA MORTE DE LAURA

FRANCISCO PETRARCA

Soneto XXXI do Cancioneiro, segundo o autographo annotado por G. Rigutini, f. 2.ª ed. inteiramente renovada. — Milão, 1908.

(*Recordando o soneto de Camões "Alma minha gentil que te partiste"*)

Est'alma — alma gentil — que se me ora parte
Tão cedo revocada a um'outra vida,
Si tem, lá em cima a laurea merecida,
Terá do céo a mais bemdicta parte.

Si paira entre o terceiro lume e Marte,
Teria o Sol a face escurecida
Que — infinita belleza — alma escolhida
Não ha que, ao vêl-a, de a mais ver se farte.

Si sob o quinto nucleo houver pousado,
Qualquer das tres *** seria menos bella
Pois só essa Laura teria fama e brado.

No quarto gyro, é procurar por ella;
Mais, si vôa mais alto, a meu bom grado,
Com Jove, ha de offuscar tod'outra estrella.
Rio, 1918.

---

* Venus. ** O sol. *** Estrellas: Venus, Mercurio e a Lua **** Laura. ***** Marte.

DOPPO LA MORTE DE LAURA

FRANCESCO PETRARCA

Soneto CCCII del Canzoniere, secondo l'autografo con le note di Giuseppe Rigutini etc. 2.ª ed. interamente rinnovata. — Milano, 1908.

Levon nunci il mio penser in parte ov'era
Quella ch'io cerco e non ritrovo in terra:
Ivi, fra lor che'il terzo cherchio serra,
La rividi piú bella e meno altera.

Per man mi prese e disse: In questa spera
Sarai ancor meco, s'el desir non erra;
I'so cohei che ti die tanta guerra
E compie'mia giornata inanzi sera.

Mio ben non cape in intelletto humano,
Te solo aspetto, e quel che tanto amasti
E la giuso è rimaso, il mio bel velo. —

Deh perchè tacque? ed alargò la mana?
Ch'al suon de detti si pietosi e casti
Poco manco ch'io non rimasi in cielo.

DEPOIS DA MORTE DE LAURA

FRANCISCO PETRARCA

Soneto CCCII do Cancioneiro, segundo o autographo annotado por G. Rigutini etc. 2.ª ed. inteiramente renovada. — Milão, 1908.

Levou-me o pensamento á parte onde era
Quem mais não vejo e em vão busquei na terra:
E, entre os que o terceiro circulo encerra,
Mais bella a vi, porém menos austera.

Tomou-me a mão e disse: "Nesta esphera,
Commigo inda has de ser, si amor não erra;
Aquella eu sou, de quem houveste guerra,
E a quem, antes da tarde, anoitecera...

Humano sêr meu bem não comprehende.
Só espero por ti e — amaste-o tanto! —
O que lá que ficou meu bello véo!

Ah! por que se calou? e a mão distende?
— Que ao seu casto fallar, piedoso e santo,
Pouco faltou me não quedar no céo!

DOIS SONETOS DE PETRARCA

MUSICADOS POR LISZT

E, em primeira audição, finamente interpretados ao piano pela Snra. Maria Carreras, no seu terceiro recital do Theatro Lyrico do Rio de Janeiro, em 28 de maio de 1921.

CXXXIV

Paz não acho nem al por haver guerra;
Temo e espero; ardo e em gelo me desfaço;
Desdobro o vôo no céo, attido á terra;
E nada estreito, e todo o mundo abraço.

Tal, qu'em prisão me tem, não n'a abre ou cerra;
Nem por seu me retem e afrouxa os laços;
E me não mata amor nem me desferra;
Nem me quer vivo ou tira de embaraço.

Sem olhos, vejo, e a voz, sem lingua, amplio:
Bramo a morrer, sem vêl-a soccorrida;
E me odeio a mim mesmo, amando alguem.

Repasto-me de dor; chorando, rio:
Egualmente me enoja morte ou vida.
— Dona! Em que estado o vosso amor me tem!

CLVI

Eu vi na terra angélicos costumes
E bellezas do céo, que o mundo sóe;
Mas, lembral-as tão só, me alegra e dóe,
Pois cuido sonhos ver ou crueis negrumes.

E aquelles vi chorar dois bellos lumes,
Por quem, de inveja, o proprio sol se móe;
E o suspirar lhe ouvi, que não destróe
Porém montes abala e estanca flumes.

Amor, senso, valor, dolencia pia,
Chorar mais doce ouvi, em tal concerto,
Que outro qualquer que o mundo ouvir soia,

E era o céo á harmonia tão attento,
Que, mover folha em ramo, se não via.
— Tanta doçura enchia o ar e o vento!

UM SONETO DE MICHELANGELO

Parallelo entre a esculptura e a arte de amar

Queiram uns ser a fresca e rubra rosa
Que abotôa em teu seio palpitante
Prefiram outros ser teu leque ondeante
Ou teu *maillot* de sêda á perna airosa.

Mui doce fôra ser volta graciosa
De perolas d'Ophir junto á teu guante
Dulcissimo no teu sonho delirante
Aza de um beijo a esvoaçar ruidosa.

Mais modesto sou eu... Casta, creança
Que eu seja em tuas mãos... mimos traidores!
Essas luvas que são côr... da esperança.

— Essas luvas que encerram dois primores
Onde enganado meu amor descança
Sem que eu possa a teus pés morrer de amores.

MICHELANGELO

A VITORIA COLONA

(*Versão Commemorativa do 3.º centenario de sua morte*)

Em memoria do estatuario A. REIS.

Não tem optimo artista um pensamento
Que, em si, mármore algum não circumscreva;
Mas, tambem, que sómente se lhe atreva
Mão que obedeça em tudo ao entendimento.

O mal que evito, o bem que fruir intento,
Em ti, dona gentil, que a alma me enleva,
Em ti se encerra; e, por que eu viva em treva,
E-me a Arte contraria ao intimo alento!

Não tem, pois, culpa amor — em ti, beldade
Ou fortuna ou desdem, que, imigos, tenho —
Do meu damno cruel, destino ou sorte,

Si, no teu coração, morte e piedade
Trazes a um tempo, e si meu fraco engenho
Lhe não sabe arrancar mais do que morte!

MIGUELANGELO

(Augusto Barbier)

Como é magro teu rosto e teu semblante é triste
Miguelangelo, audaz cizôr da pedra bruta!
Pranto nunca orvalhou-te a palpebra inda enxuta!
Como Dante, é de crer, que tu jamais sorriste!

Ah! de que forte leite immortal te nutriste!
Foi — tão só! — teu amor, na vida, a Arte impoluta!
Sessent'annos enmiste em triplice labuta.
E um terno coração ao teu jamais uniste!

Buonarote infeliz! Teu só prazer no mundo
Foi teres animado o marmore infecundo,
Omnipotente Deus, e, como um deus, assombras!

Mas, quando da existencia esvasiaste a cuba,
Velho e exhausto leão, te foste — argentea a juba —
Longamente extinguindo em gloria, em tedio — em [sombra.

A PHILOSOPHIA

(H. TAINE)

A' Rosalina Coelho Lisbôa,
demittindo-me da graduação de grande poeta e agradecendo a offerta de um exemplar (edição commum) do seu livro "Rito Pagão", premiado pela Academia B. de Letras.

Dois sabios hão possuido a verdade suprema;
Mas um contesta o outro e o nega, sem razão.
— "Não cáias; sê prudente e forte!" — um clama em vão.
E o outro: — "Sê feliz; gozar... — seja o teu lemma".

Da trireme ancestral, qual deles, quando reina,
Já de perto a estreitou: — Epicuro e Zenão.
Mas nós escoamos, como os dois escoando estão...
E o gato resolveo o insoluvel problema.

— O prazer, como vem; si fôr mister, a dôr;
Pois, venha o que vier, é bom, seja o que fôr."
E o Sol, rompendo o azul, por que tal gesto applauda,

Felinos corações, vos hão de ver, no chão,
O destino aceitar com mais resignação...
— E preguiça! — lambendo o pello á vossa cauda.

REMESSA

Li teu livro. E a *mise en scene*
Desse teu "Rito Pagão"
— D'uma Egolatria (*) infrene,
Mas que, em "Jesús", é christão —
Não traduz philosophia
Si esconde philosophia perenne,
Só cultúa um laus-perenne
— E Dante epigraphario,
Que Dante epigraphario,
D'outra evite, com razão.
Tal qual é n'um rogrôsam...
— Applica-lhe a ducha fria
Deste soneto do Taine.

GENERINO.

Rio, 9-XII-921.

(*) Quasi todo o livro, que oscilla entre o Epicurismo, o Zenonismo e o Felinismo, de Taine.

SONETO, ATTRIBUIDO A LEONARDO DA VINCI

Chi può quel che vuol, quel che può voglia;
Che quel che non si può, folle è volere.
Adunque soggio l'uomo é da tenere,
Che da quel che non può suo voler toglia.

Peró che ogni dilleto nostro e doglia
Sta in si e no soper, voler, potere.
Adunque quel sol può, che sol dovere
Ne trae la ragion fuor di sua soglia.

Nè sempre è da voler quel che l'umo pote;
Spesso por dolce quel che torna amaro.
Piansi gia quel ch'io volsi, poi ch'io l'ebbi.

Adunque tu, lettor di queste note,
S'a te voi esser buono e agli altri caro,
Vogli sempre poter quel che tu dibbi.

ALMA ALHEIA

Versão Reis Carvalho

Quem não póde o que quer, queira o que póde;
O que nunca se pode, é loucura querer.
Logo é de homem sensato a regra de manter
Que apenas ao que pode, o querer accommode.

Porém cada alegria e dôr que nos sacode
Está em sim e não saber, querer, poder.
Logo pode sómente o que pelo dever
Não deixa que a razão fóra do seixos rode.

Nem sempre é de querer aquillo que pode o homem;
A's vezes aborrece o que antes causa agrados.
Já cheio que quiz logo depois de o ter.

Logo, leitores meus, este conselho tomem:
Si querer para si ser bons, de outrem amados,
Queiram sempre poder o que devem querer.

(Vesão Generino)

UM SONETO DE MORAL PRÁTICA

Attribuido a Leonardo da Vinci

Quem não póde o que quer, queira o que possa,
Que é loucura querer e não poder;
Não deve homem sensato, assim, querer
Que o querer sem poder lhe faça mossa.

Que, quanto ennoja ou appraz, na vida nossa,
Vem de querer, poder — e não saber;
Pois, só pode querer, quem ao dever
E sã razão não faça vista grossa.

Nem sempre é de querer quanto o homem póde:
Doce, ás vezes, se crê quanto é amaro;
Quanto quizeste e tens, chorar te atreves.

E então, leitor deste soneto, acode:
Si a ti queres ser bom e aos outros caro,
Queiras sempre poder — só! — quanto deves.

UM NUMERO DE INTERMEZZO

(HEINRICH HEINE)

Versão Augusto de Lima

Canta o jovem pastor no bosque a sós,
E o écho, vaidoso ,diz: "Sou eu a voz".
Sob a vidraça, que a cortina vela,
A lampada murmura: "Eu sou estrella"
Nos lagos contemplando-se a ramagem
"Quem existe sou eu "— diz sua imagem.
Porém mais falsa, ó sina que deploro! —
Era a voz protestando-me: "Eu te adoro!

VERSÃO — GENERINO

Vai no bosque o zagal cantando a sós,
E o echo lhe responde: "E' sua voz..."
Sob a vidraça encortinada téla —
A lampada transluz: "E' tua estrella!"
De um lago á fluz, phantástica ramagem
"Ella... sou eu" — lhe diz: "Sou sua imagem".
E' falso, eu sei; porém mais falsa — e córo! —
Era-lhe a voz, a me dizer: "Te adoro"

ANTONIO E CLEOPATRA

(J. M. Heredia)

Contemplavam a sós, do seu terraço á altura,
O Egypto a modorrar no ambiente asphyxiante,
E o Nilo, cingulando o negro delta, ondeante,
A Bubasto ou Saïs, rolar a vasa impura.

E o Romano sentia, ao peso da armadura,
Soldado prisioneiro a acalentar infante
Pender e desmaiar, sobre seu peito ovante,
O corpo sensual que enlaça com ternura.

Toda pallor, volvendo o rosto, entre os negrumes
Da transa, que o enervava a exoticos perfumes,
Ella estendeo-lhe a bocca e as visuáes espheras,

Tão claras, que lá dentro, o imperado rcurvado,
No humido olhar sem fim, de lumes constellado,
Vio todo immenso mar em fuga de galeras.

O LEITO

(J. M. Heredia)

Sarja o encortine ou, então, brocado fulgurante,
Triste como uma tumba, alegre como um ninho,
Alli nasce e repousa e se une com carinho,
Virgem, mãi ou avó, ancião, esposo, infante.

Funebre ou nupcial, d'aspersão gottejante,
Ou crucifixo o encime, ou mystico raminho,
Começa a estrada alli e alli finda o caminho,
Que vai do albor da vida á morte vasquejante.

Humil, tosco e cerrado, ou — sobre céo altivo —
Triumphalmente ornado a oiro e minio vivo,
Bruto carvalho seja, ou cardo, ou bem cypreste:

Feliz quem dorme em paz, sem ver estranhos portos,
No leito paternal, e venerando e agreste,
Onde os seus viram luz e onde os seus são mortos.

2-9-1888.

SONNET À COQUELIN

Toi, tu poetisais. Ton geste avait du style.
Ta jambe était classique, et lorsque tu marchais,
C'était Molière; et quand tu courais, Beaumarchais;
Quand tu sautais, Regnard; quand tu dansais, Banville.

Toi, tu croyais! Ton coeur, sans reticence vile,
Chanta loyalement sous tous les grands archets!
Tu guardais de la scène où tu t'empanachais
Une provision de fierté pour la Ville!

Ceux-là savent comment aux puissants étonnés
On repond "Non, Monsieur!" en relevant le nez!
Qui purent, Coquelin, te voir jouez — et vivre.

Toi, tu jouais la vie et tu vecus tes yeux;
Et le role où somma le mieux ta voix de cuivre
Fut celui d'honnet homme et d'amis courageux.

EDMOND ROSTAND.

SONETO A COQUELIN

(EDMOND ROSTAND)

Poetisavas, tu! Tinha estylo o teu gesto.
Classica era-te a perna; e, quando andavas, vendo
Se estava Molière; e Beaumarchais, correndo;
E, saltando, Regnard; Banville, a dansar, lesto,

Crias! Teu coração, sem reticencia, honesto,
Cantou, d'arco ao vibrar, que o fôra commovendo;
E do pennacho audaz que, em scena, ias trazendo...
Levavas para o mundo, altivamente, o resto.

Bem sabe como, a fatuo e pasmo potentado,
Se diz um "Não, senhor!", de naso arrebitado,
Quem já te vio viver tu'arte sempre nobre.

Tinhas na vida e olhar quanto has representado.
Mas teu melhor papel, com tua voz de cobre,
Foi o de homem de bem e amigo ultra esforçado.

M. da G. III-1915.

A ARTE DE PINTAR

(AGOSTINO CARRAXI)

A Decio Villares, Eduardo de Sá e Belmiro de Almeida

Quem vir a ser um bom pintor porfia,
Adestre a mão no desenhar romano,
Claro-escuro lhe dê, veneziano,
E o dino colorir da Lombardia;

De Miguelangelo a feição sombria
E o vero natural de Ticiano;
Puro estylo ideal corregiano;
De Raphael a vera symetria;

Tibaldino decoro e fundamento;
De Primiticio a esthetica inventiva;
E o ar gracioso do Permgianino.

Mas, sem tanta fadiga e estudo attento,
Se não ponha a imitar a obra nociva
Que lhe anda a impingir o Nicolino.

LANTERNA MAGICA

(VELHO SONETO IBSENIANO)

Ao humorista Telles de Meirelles (Peres Junior).

"Notanda similitudine".

Afim de espairecer o morno tedio
Que a estudiosa vida me enfumaça,
Meu bom humor não tem outro remedio
Sinão, as vezes, observar quem passa.

E vejo desfilar confusa massa —
Desde a enguia ao chimpazé mais nédio,
Do meu monoculo ao curioso assedio,
Toda a alimaria humana que arruaça.

E eu, que leio Laváter desde creança,
Ponho-me a rir... a rir... da semelhança
Que noto entre ella e os "animaes de Christo..."

"Parece que Deus fez, da mesma argilla.
Com que foi feito Adão — Eva e o gorilla
Junqueiro — E achar a vossa especie é isto!"

R. 1-VI-06.

BEETHOVEN (*)

Ao apurarem recentes investigações que Beethoven é de origem belga.

(EDMOND ROSTAND)

Pois que! Sangue que o gera e nome que o nomeia,
São vãos? Mas esse canto erguido á immensidade
E esse altivo rugir de orgulho e de bondade,
E' a Flandre, a propria Flandre: o seu Leão, que o alteia.

E' vossa a Symphonia Heroica? — Não! Dá a ideia
De ouvir-se heróe que morre em prol da liberdade:
A Belgica retoma a Belga Potestade;
O maior de seus reis seu mór grande homem preia.

Beethoven? Seus avós são de Louvain. — Propala,
Essa mascara exul que entre vós o assignala,
Propheta que prediz, dorido, otros destinos.

E quando não mais ouve o Cravo em que se abate
E tonteia, á surdez de visionarios sinos,
E' que, de uma cidade a arder, ouve o rebate!
Morro da Gloria — Rio — 23-I- 915.

(*) Recentes investigações apuraram que Beethoven é de origem belga.

SONETO DO ABBADE DE NAPOLES

(Seculo XIII)

Da prefação ao Códice, publicado e illustrado em MDCCCLVI por Bernardino Biondelli, contendo o unico exemplar superstite e inédicto do Poema Lombardo sobre "O Antigo e Novo Testamento" de Petrus a Basilica Petri latinisação, á moda do tempo, de Pietro da Bescape, seu nome de familia, ou Pietro di Bersegapê, como o proprio poeta assignava.

Tentativa de versão para Aureliano de Campos

Nobre exemplo é do homem salvação,
E, de quem fôr, notavel documento
De quem no tempo espera mudamento
E sempre reconfórta um lorigão.

Assim faz todo homem de razão;
Tal se proclama com contentamento;
Não n'o conturba mais succedimento:
E'-lhe do contra e pro compartição.

Anda o mundo na rota da Fortuna:
Cresce e decresce mui frequentemente
Como a lua, que á vista nunca é una.

Por isso, homem que viva sanamente,
Esperança nem fé jamais lhe aduna,
Mas o despreza desdenhosamente.

Rio, em 30 de Novembro de 1908.

UM SONETO CASTELHANO DE SOROPITA

(*Versão para o* AURELIANO)

Já de esperar estou desesperado,
Já de soffrer se acaba o soffrimento,
Já de pensar se cança o pensamento,
Já vivo do viver desconfiado.

Ausente morro e vivo desterrado,
Todo entregue de modo a meu tormento,
Que para o bem me falta o sentimento
Porque em seu sêr o mal me ha transformado.

De um louco me aconselho, sigo um cego,
Sem azas vôo, afundo sobre a areia,
Um elemento encerro em vaso escasso.

Qual salamandra ao fogo a vida entrego,
Serve-me a liberdade de cadeia;
Tão excessiva é a pena que ora passo!

Rio, 09.

O POETA LEVANTA A ANCORA

BELMIRA AGUSTINI

(Versão Generino)

A ancora d'oiro canta. A vela azul ascende
Com a aza de um sonho aberta ao novo dia
Partamos, Musa em via!
E em frente á alegre prôa um bello mar se extenda...

Claro como crystal, em pleno oriente, esplende
Ornado fanal da aurora. Fantazia
Estreia, em raro traje, iriante pedraria
Para vagar, brilhante, a fral do mar. Desprende

Sua auri-flamma a vela azul, de Eólo ao azo...
E' o momento supremo. Eu estremeço, acaso
Suspeito o que me aguarda em mundos nunca vistos.

Fresco ramo, talvez, dos louros mais frequentes...
O vélo relusente, o sceptro de diamantes...
— Ou naufragio, ou corôa eterna de outros Christos!

EGO SUM QUI SUM...

SONETO DE UM POETA DESCONHECIDO

Versão Generino

Rio de toda honôr, do vulgo apetecida,
E dos grandes despreso o acolhimento astuto;
Paços, coito-os como a escolho o mais abrupto
Em que, si alguem se salva, uns mil perdem vida.

Dos grandes fujo á Côrte... — a Côrte tão querida!
O Louvre me parece esquife dissoluto:
Toda a pompa que o cerca, uma pompa de luto,
Em que a liberdade anda a chorar perdida.

Longe, do enorme escolho e enorme mausoleo,
Um bem mais bello Imperio em mim concentro eu:
Paços, côrtes e reis, domino á omnipotencia.

Podendo o quizer, num quero e posso, vou
Vivendo sob as leis da minha independencia
— Que, emfim, os Reis são Reis, e eu... eu sou quem [sou!

O CELEBRE SONETO DE ARSVERS

Tenho n'alma um segredo... Hei na vida um
[mysterio...
— Amor! — eterno amor, de subito inspirado!
Não tem cura esse mal, que padeci calado,
E aquella que m'o fez, nem sabe quanto é serio!

Ah! quanta vez por ella — em vão! — tenho eu
[passado!
— Sempre a seu lado — sempre! — e sempre solitario!
E assim cumprindo irei na terra o meu fadario,
Sem nada ousar pedir-lhe e nada me haver dado!

Comquanto a tenha Deus dotado de ternura,
Abstracta, e sem ouvir minh'alma que murmura
"Amor", vendo-a passar... passará sem me ver.

A piedoso dever austeramente presa,
Estes versos, que encheo, ao ler, dirá, sorpresa
— "Esta mulher... quem é? — Sem suspeitar siquer!

O QUE DIZEM AS ESTRELLAS

Celebre soneto de Arsène Houssage que inspirou a Olavo Bilac o "leit-motiv" de "Virgens Mortas" e "Ouvir Estrellas".

Quando alguem padece tormento delicioso,
Os labios lacerando em taças saborosas,
E amarguraram-lhe a alma horas tão dolorosas,
Vem a morte e lhes presta um lustre precioso.

Scentelhas d'oiro, que jorram do espaço umbroso,
Lyrios, que abrindo vem por veigas deleitosas:
— Estrellas não mais são do que almas amorosas,
Vestindo em céo nocturno um pranto silencioso.

"Subi, bem como nós, a Deus, pelo martyrio!
Mortaes, amai! "dizer parecem, lá do empyreo,
Num longo olhar sem fim, seus olhos de diamante.

E eis porque, no alto azul, translucido e sem telas,
Que encanta a placidez das noites, os amantes,
Chorando de prazer, gostam de ouvir estrellas.

A JESUS CRUCIFICADO

(Santa Tereza de Jesus)

No me mueve, mio Dios, para quererte
El cielo que me tienes prometido,
Ni me mueve el inferno tan temido
Para dejar por eso de ofenderte.

Tu me mueves, mio Dios; mueveme el verte
Clavado en esa cruz y escarnecido;
Mueveme ver tu cuerpo tan herido;
Mueveme las angustias de tu muerte.

Mueveme, enfin, tu amor de tal maniera
Que, aunque no hubiera cielo, yo te amara;
Y, aunque no hubiera inferno, te temera.

No me tienes que dar por que te quiera;
Porque, si quanto espero no esperara,
Lo mismo que te quiero te quisera.

Não me move, meu Deus, para querer-te,
O céo que Tu me houveste promettido,
Nem me move o inferno tão temido
Para deixar por isso de offender-te.

Moves-me Tu, meu Deus; move-me o ver-te
Cravado n'essa cruz e escarnecido;
Move-me ver teu corpo tão ferido;
Movem-me as angustias de tua morte.

Só teu amor me move e em tal maneira
Que, si não fôra céo, inda te amara;
E, si não fôra inferno, te temera.

Nada me tens que dar porque te queira;
Pois, si quanto espero, não esperara,
O mesmo que te quero — te quizera.

1907.

UM SONETO DE ANNIBAL FALCÃO

"MUEREM D'AMOR LOS PORTUGUEZES"

Si, si, muerem d'amor; pero tanbien
Viven de él y de él tienen l'alma llena
Y lleno el corazon. Placer y pena
Y pasto divinal y sumo bien,

Amor! eterno Amor! passion serena,
Honda, noble, immortal! Quan feliz quien
Por ti se muere y suffre! Muerte, vien
Cumplir d'amor maravillosa scena...

Morir d'amor es por haber vivido
Morir! Es alta gloria, es noble fama
De pura affecion caer vencido.

Pero, si es dulce d'amorosa llama
El corazon tener todo encendido,
Horrible es se morir porque no se ama.

———

"Morrem de amor os Portuguezes"

Sim, sim, morrem de amor; d'amor, porém,
Vivem elles, têm elles a alma plena,
Têm pleno o coração. Prazer e pena,
E pasto divinal, e summo bem,

Amor! eterno Amor! Paixão serena,
Funda, nobre, immortal! Quão feliz quem
Soffre e morre por ti! O' morte, vem
Cumprir a sina com que Amor te acena.

Morrer de amor, tal é por ter vivido
Morrer! E' alta gloria, é nobre fama
De uma pura affeição cahir rendido.

Porém, si é doce de amorosa chamma
Sentir o coração todo incendido.
E' horrivel morrer porque não se ama.

EL CELEBRE SONETO DE JOÃO DE DEUS, EN SU LÍRICO POEMA "LA VIDA"

(*El más profundo de la lengua portugueza*)

CAMPO DE FLORES
(Vérsion — Generino)

Se me fuè, poco a poco, amorteciendo
La luz que en este mundo me guiaba,
Ojos fejos en quien hasta contaba
Ir los grados del tumulo desciendo.

En se ella me anublando, en la no viendo,
Ya mi luz se de todo me anublaba;
Despuntaba ella apenas, despuntaba
En mi alma la luz que iba morriendo.

Alma afin de mi alma, ingenua y pura,
Como angeles nel cielo no sueñaran,
Quiro mostrar que el bien bien poco dura.

No se si me fujo, si la robaron;
Ni sepa io jamás mi desventura
Contar a los que en vida no lloraran.

EL CELEBRE SONETO DE MACIEL MONTEIRO

VERSIÓN — GENERINO

Hermosa, cual pincel en tela fina
Dibujar jamas pôde o nunca osara,
Hermosa, cual jamas desabrochara
En primavera rosa purpurina;

Hermosa, cual si Dios, con man divina,
Le alineara el contorno y forma rara;
Hermosa, cual nel cielo mas brillara
Astro gentil, estrella peregrina;

Hermosa, cual se la Natura y l'arte
Mancomunada en dons, con sus lovores,
Jamas supo imitar, in todo o parte:

Mujer celeste, ó angel de primores:
Quien puede verte sin querer amarte
Quien puede amarte, sin morrer de amor.

Mão grado o estreito e chauvinista critinismo do cafusa José Verissimo, Immortal Fundador da Academia Brasileira de Lettras, valorisada pelo alfarrabista Francisco Alves, o celebre e elegantissimo soneto hieratico de Maciel Monteiro — o grande lyrico pernambucano — desapercebido precursor do retardado Romantismo no Brasil, como Bocage o foi em Portugal, Romantismo que, tanto lá como aqui (aqui confessadamente implantado de oitiva ou ouvido a voga a Arthur de Oliveira) evoluio apenas, transformando-se em inocivo — já obsoleto Parnazianismo, por um pretenso apuro de forma, que, não raro, attenta contra as leis phonicas da linguagem commum (Pearson) e dentro da qual se pode pôr tudo quanto quizer, permanecendo fundamentalmente a mesma.

SOBRE O TUMULO DE DESCARTES

FALLECIDO E SEPULTADO NA SUECIA

Epitaphio composto por Huygens

Sob o clima glacial d'estas terras malinas
Onde ao inverno succede a esqualida estação,
Eis-te sobre o poente escombro das ruinas
De um famoso alcazar que habitara a Razão.

Pelo rigor da sorte ou da Parca que o empalma,
Descartes aqui repousa e — universal sentir! —
O que, outr'ora, servio de intérprete á su'alma,
Nos convida a chorar e ao verme a se nutrir.

Est'alma que a outr'alma, em seu saber fecundo,
Desvendava o que sempre aos olhos se escondeo,
Depois de nos ter dado o modélo do mundo,
Anda a indagar agora os mysterios do céo.

Natureza, põe lucto e chora-o tu, primeira!
Descartes ahi jaz: — Quem póde a grande dor conter?
Quando a vida perdeo, perdeste a vista inteira...
— Pois foi ao seu phanal que te podêmos ver!

Rio, 27-V-09.

O ZEPHIRO

Poesia explicativa

VIDA DAS FLORES

Louçã flor, depressa abandonada
A mariposa te sacudiu com as azas
Mais vertiginosamente, que tu a possas surprehender
Com mais velocidade, que o rumor de um beijo!

Loucura de amor de outras flores,
Eu, lhes murmuro de mansinho ao ouvido,
Sim, assim é —, quem deporá agora
Confiança numa borboleta!

TEXTO

Todas as palavras teem sentido *figurado*. A *traducção* é o sentido *proprio* da poesia.

O IRIS DA ALLIANÇA

Aguada e versos italianos de Ludovico Berna

Arca celeste a alheio olhar jocundo,
Quem este e o outro hemispherio fez primeiro,
Por signal — firme pacto verdadeiro —
Poz de que, annoso, ha de durar o mundo.
— Antes ruirá, no Cárathro profundo,
Do fino aço ou diamante inteiro
Sólido muro, que infiel obreiro

Fizer, sem o seu — "faça-se!" — fecundo.
Só quem confia em seu favor, de sobra,
— Sem dono da sorte ou da fortuna, em summa,
Pode, bella e sincera fazer obra.
O ar, que, em tôrno, se condensa em bruma,
Logo se aclara; ao passo que sossobra
Quem não tem no Senhor fiducia alguma.

Rio, em 3-VI-927.

O PORCO

FABULA DE TRILUSSA, EM DIALECTO ROMANO

Um porco velho disse a cartas vaccas:

Um porco velho disse a certas vaccas:
"Tomara ver já tranzida
Esta minha porca vida.
Ponho a melhor das casacas
Escarpins baratos
Com sapatos rasos; colho
E uso flor; e — vidro ao olho —
Abalo para a cidade
Onde a gente mais polida
Banca "a boa sociedade"...

E dito e feito. — Antes que escureça,
Deo comsigo no "Chá" duma condessa;
Immiscuio-se entre altissimos senhores;
Disse algumas palavras em francez;
Tocou, cantou, dansou, *morreo de amores*...
Mas, após dois ou tres dias, e d'uma vez
Volve á possilga o suino camponez.
— Pois... já? — lhe dizem Suas Vaccarias —
A sociedade, então, te não agrada?
— Não! — disse o porco. — E' uma zombaria
Estaria bem; mas... me desagrada
Que ali se faça tanta porcaria...

VERSÃO (*quasi onophrastica*) GENERINO.
Rio, 9-VI-927.

CANÇÃO DO ADEUS

(Musica de Paulo Tosti) (Edmundo d'Harancourt)

Partir é morrer um pouco,
Morrer, para o que ama, o amante:
Algo de si deixa, um trôco,
Aqui... ali... — a cada instante.

Sempre é triste o ultimo e rouco
Verso se um poema expirante
Partir é morrer um pouco
Morre, para o que ama, o amante.

E si parte — e é um caso, louco
Té o ultimo aceno cortante
Em alma soluçante
Que, em cada adeus, vai um pouco
— Partir... — é morrer um pouco!

EVANGELHO DE SANTO UMBERTO

Mandamentos consagrados aos jovens caçadores

(VERSÃO POTRUGUEZA)

Primeiro, bom humor; e segundo, bom vento:
São leis primordiaes que estão no esquecimento.

Como Argos, relanceia em tôrno arguto olhar,
Si, em vez de ser caçado, é teu mister caçar.

Antes que feches um dos olhos,
Dilata os dois, mas sem antólhos.

No teu fallaz condão não caias em fiar:
Prega os olhos na caça, em antes de a alvejar.

Debruça-te sobre a arma, em quanto fazes fogo,
Ou teu corpo — vê bem — se desapruma logo.

Primeiro tiro, é logo vir;
E o segundo, atrás seguir.

A' direita ou esquerda, em recta ou com desvio,
Duplo tiro é só dar com calma e sangue frio.

Para saltar, desarmarás;
Ou, dia vai, nos matarás.

Desloca-te, marcha, salta:
Dobra o tiro e não a falta.

Quando a caça estiver bem longe do fuzil,
Presto, alto e para frente, é atirar subtil.

Bem de perto, atira á testa;
Ou, então, por sobre a besta.

Convem dizer d'uma só vez:
No bosque as armas alçareis.

Jámais, no bosque, atirareis.
Sem que vejais uma e outra vez.

Não te exponhas jámais, cuidando certa a morte,
A tocar n'um raposo — o dente d'elle é forte.

Experiencia nos diz que caça é bem melhor,
Quanto mais da cabeça o fogo longe fôr.

Cuidado com o deus do dia!
Tanto cega como alliumia.

Só fogo dá fuzil carregado de mais;
Si de menos, porém, tu nada matarás.

Si sempre feres tu, bem sabes o remedio:
Tira dez grãos de chumbo — e é defuncto nedio.

Para bem repetir tiro falho, é mister
Visar, outra vez, mais alto, a caça que se quer.

Em tiros vinte e cinco á caça, em logar distante,
Tantos são para trás, nenhum para diante.

Perito caçador, de perto, atira bem:
Finda ahi seu condão; de longe, contravem.

Em seu curso ou seu vôo, o animal se arrebata?
E' mister que o fuzil lhe sublinhe aza ou a pata.

O precedente avizo é tanto mais feraz,
Quanto, sempre mais vê, quem vê melhor e mais.

Terra-terra, nunca em baixo,
Si ha quinze passos eu me acho.

Sem referencia a meio onde haja refracção,
Contra e abaixo atirai, da sua direcção.

Si accomette o *tico-tico*,
Se lhe atira em frente ao bico.

Ajusta alto a codorna ou, então, te escapará:
Em baixo, a terra está

Quando vôa a perdiz, vôa ascendentemente:
Atira-lhe de baixo e a ferirás de frente.

Sobre perdiz que foje em recta direcção,
Atira-lhe por cima ou atirarás no chão.

Atravéssa perdiz? — Só pollegada e atiro;
Ou, oitenta sobre cem, me ha de falhar o tiro.

Si descreve perdiz obliqua quando vôar,
Para feril-a adiante, atrás lhe has de atirar.

Si vôa rente ao chão, bom é inteiramente
Bem alto lhe atirar, ao menos quando vente.

A' perdiz, quando ella gyra,
Sobre a aza se lhe atira.

Quem n'uma encruzilhada se colloque,
De perdiz com perdiz espere o choque.

Sobe sempre o faizão? — E' baixo lhe atirar:
A passos vinte e cinco é bom a mira alçar.

Quanto um tiro é de Rei, que se dá sobre a fronte,
Quem visa o bico, fere ave que, a peito, e affronte.

Caça, si está chovendo (eu não posso, succumbo!)
Mas usa, em caso tal, mais pólvora que chumbo!

Um só moto a calhar — feliz quem n'alma o tem:
Atirar, no que foge, alto, e, baixo, no que vem.

Foje lebre de ti: sempre lhe atirarás
Por sobre a orelha; e, assim, tu sempre a apanharás.

Para ti corre lebre: então lhe atirarás
A meio-pé diante — ou tu a falharás.

Si lebre levantada, ao perto atravessar,
Caçador, polegada adiante, ha de atirar.

Si lebre a cincoenta e cinco passos fôr,
De pollegadas quatro, adiantal-a, é melhor.

Coelho salta: — tiro e bumbo!
Faze-o saltar com teu chumbo.

Atirar para trás de ti,
Ter lei nem regra nunca vi.

Dois tiros contra-mão escacho!
Lebre em cima, perdiz em baixo.

Quando adestrado cão se recusa a caçar,
Não n'o açules, pois soffre; entra a o acariciar.

Para atirar a peixe, evitai que o tiro entre
Pelo centro — e atirai-lhe, afoito, sobre o ventre.

Voltai, si é bom o alvedrio,
e bolsa cheia e fuzil vazio.

Si voltas fatigado e semi-morto de afans,
Não te sentes, sem que dês de beber aos cães.

Mas sempre te direi: Não caçar é melhor;
Pois, si um dia é da caça, outro é do caçador.

Rio, 910.

A ESTHETICA EM APUROS

(HIPPOLYTE STERPUY)

Quem não tem que dizer nem sabe mais que faça,
Em vaga controversia a vida inteira passa.
A Esthetica me não deixa mentir. Estou
Que, sobre ella, jamais tanto se disputou.
Jamais sec'lo mais pobre em producções viaveis
Tanto meios nos deo de tornal-as duraveis.
Jamais para obras d'arte, em summa bem pueris,
Tanto se ergoteou da escolha de utensis
Versos, romance, drama — em qualquer cartapacio
A obra pouco importa, o que importa é o prefacio
Cada dia um systema em folha vê surgir
"E' dar-nos a verdade. — O bello é proseguir.
— O bello... que isso é? — E' o esplendor da forma.
— O que! é a exactidão do fundo. — Estranha norma.
Não passa de pretexto — um argumento emfim —
A forma é que é. — Sophisma! E' rhetorica ruim
Aristoteles foi quem nos forjou tal mola.

Eu, só. Cançado já de errar na funda treva,
Dizia, indo sentar-me, e ao ver aquella ceva,
Mão no queixo, em scisma vã:
Tu por quem me palpita o coração, ente amado,
Dentro em breve has de estar tambem no mesmo estado
Nely! se morres amanhã.

Os moralistas

Digna preoccupação d'uma arte fria e bassa,
Tanto é certo que já não sabe mais que faça
E que Byron e Goethe ultimo verbo são
De um mundo de que a duvida é impotente pião.

RESPEITO E AFFRONTA

VERSÃO — GENERINO

Estendeste-me a bocca e te beijei a fronte
E tú altivez sorpresa á caricia que apouca
Não soube distinguir respeito do que a affronta
E a fronte me vens dar quando te busco a bocca.

O que terei soffrido! Alheia bocca o conte
Salvando o unico bem cuja ambição me alouca
Sobre meu coração, de dor sangrenta fonte
A muda amortarei de amor fraterna, boca.

Jamais conhecerei o fluido voluptuoso
Que ennerva e faz vibrar teu corpo perfumoso
Mas lacteo d oque calor do thalamo que o entoca

Da honra que bem puz mais alto que o desejo
O fardo hei de trazer — viva a morrer de pejo! —
Mas, uma vez siquer, quero beijar-te a bocca.

ARMAND SILVETRE.

PENSAMENTOS DE UMA FLOR

(Clotilde De Vaux)

Eu nasci para ser amada, bom Destino!
Pragueje, contra ti, mortal em furia vã
E, aos pés do teu altar, leve-o o vento malino:
Eu tenho meu olôr, minha manhã.

Tenho o primeiro olhar do rei desta natura
Que, em beijo abrasador, me torna a fronte pura;
Um sorriso de irmã, tenho n'aurora em flor;
Tenho a brisa que passa e o dulcido sabôr
Da gotta pendurada em calice punido,
Tenho o raio que Corina á flux do precipicio;
O magico painel, de grandeza sem par,
As portas do Universo abrindo ao despertar.

Jámais frio mortal deve entanguir-me a vida;
Nos seios da volupia adormeço a sonhar;
Guarda-me a Natureza o que me tem de dar:
— Ao seu festim de amor, desperto embevecida.

Embelléso a belelza muita vez;
Num puro coração meu brilho tôa;
Me entretece o prazer uma corôa:
E a felicidade do meu lado vêr.

ALMA ALHEIA

Quando o rouxinol se inspira
Na minha haste, — ao seu encanto,
Para bem ouvir seu canto,
A Natura inteira expira.

Segreda-me amor seus decretos;
Lhe abrigo as doces orações;
Ajudo a amar os corações:
A chave sou dos mais discretos...

O' doce destino! se anceios profanos
Podessem o curso dos fados mudar,
Envolta nos meus diaphanos pasmos
No mundo poderá de novo inda amar.

Das auras funestas
Procura-me do horror
Que sempre uma flor
Sorria-me em festas.

GENERINO traduziu.

Bruxelas, 10 de Janeiro de 1926.

89, Rua Berckman.

Senhorita Mathilde Nunes.

Como lhe prometti, mando-lhe hoje os versos que fiz em honra sua. Mais uma vez queira perdoar-m'os. Considere, lhe peço, que são elles como que uma floração de meus sentimentos que lhe dirá, sempre, que os fiz, quando, através o tempo e a distancia, já estiver bem longe de nós... lá... na terra dos diamentes. Leia então de novo estas linhas, que não têm outro mérito senão o de serem sinceras. E, em nome dellas, vote-me uma recordação.

A' Mathilde Nunes

Artista incomparavel:

Admiração.

E disse o Thaumaturgo-Deus: Faça-se o mundo
E o mundo foi de ver
Vida e perfume e luz — divina magestade.
— Assim devia ser.

E assim foi. Do milagre a diva formosura,
Em canticos, brotou.
E a musica vibrou triumphante harmonia.
E o rouxinal cantou.

E rosas vão abrindo os calices magnificos
Floração do pensil
E houve luz e fragrancia, e houve sol no espaço,
E na terra o jasmin.

Assim tu'Arte unica, ó Maga do piano,
Artista e bardo-rei,
Disse ao teclado mudo. E faça-se a harmonia,
— E a harmonia se fez.

E a cadencia vibrou, sonora e triumphante,
Ao teu mago valor,
Como harpejo, a vibrar, de lyras musicais...
Sonora Evocação.

E' que tu'alma, em flor a tocar, pletorica de rythmo,
Morgána do Brasil,
Animou com um genio a guerra do piano,
Delicada e subtil.

Quem poderá dizer-te o que tu'arte nos disse,
Triumphante, a vibrar?
Quiçá só esse artista e cantador de amores,
— O bardo Rouxinol!

Que puderam dizer-te os versos com que hei querido
Esternar-te minh'alma a sua admiração?
Qual louco sonhador eu pulsei uma lyra...
Si, em meus versos, não ha rythmo, harmonia e som,

Escusa-os; que, os fazendo, eu quiz render, ao [menos,

Sincero preito real
A Artista, que subjuga e vibra: — á delicada
Artista divinal.

F. SANABRIA.

(Generino verteo, do castelhano, para o amigo Nunes).

A CONSCIENCIA

(V. Hugo)

Quando envolto, e a familia, em pelles d'alimaria,
Livido, esguedelhado, humana procellaria,
Caim poz-se a fugir da sombra de Jehovah,
Como cahisse a tarde e fosse escuro já,
Chegou d'alta montanha ao pé, n'uns descampados.
Fatigada a mulher e os filhos já cançados:
"Deitemo-nos no chão, Caim; vamos dormir".
Disseram-lhe. E elle estava, insomne, a reflectir.
E, erguendo a fronte, vio, na escuridão primeva,
Enormemente aberto, um olho, em meio á treva,
Que o ficta severa e fixamente... horror!
"Muito perto inda estou!" disse elle com terror.
Despertou a mulher e os filhos, do cançaço,
E deitou a correr, sinistro, pelo espaço.
Andou, de dia, um mez; um mez, de noite, andou:
Silente; a estremecer, ao ruido que sôou:
Sem olhar para traz; furtivo; o suor em bagas;
Sem repouzo; sem somno; e, assim, chegou ás plagas
Do mar, n'esse paiz que foi o Assur depois.
"Paremos!" murmurou "Seguro é o asylo; e, pois,
Fiquemos nós aqui, que é o termino do mundo."
E, em indo-se assentar, no morno céo profundo,
Vio fictar-lhe inda o olho o mesmo austero olhar!

Então, estremeceo com friorento esgar.
"Occultem-me!" bradou. E, sobre a bocca o dedo,
Viram todos o avô feroz tremer de medo.
Caim disse a Jobal, pai d'aquelles que vão,
Sob tendas de tela, á arida extensão:
"Estende, d'este lado, o pavilhão da tenda".
— Muralha fluctuante — e cada qual que a estenda.
Quando pezos de chumbo iam-n'a ao chão prender:
"Indo o vês?" diz Trilla, a luz feita mulher,
O sangue do seu sangue, e doce como a aurora.
E Caim respondeo: "O olho me devora!"
Jubal, pai dos que vão, dos muros em redor,
Marchando aos tons da trompa e aos ruflos do tambor,
Clamou: "Eu é que sei construir-lhe uma barreira."
Muro de bronze ergueo, Caim poz-lhe á trazeira.
E Caim disse: "Este olho está-me sempre a olhar!"
Disse Henoch: "E' mister torres em roda armar,
— Trincheira que ninguem possa a cercar-se della;
Cidade edificar com sua cidadella
Cidade edificar, que guardaremos nós."
Veio Tubalcaim, ferreiro entre os avós,
Cidade edificou, enorme, sobrehumana.
Emquanto trabalhava, em baixo, em terra plana,
Caçavam seus irmãos, filhos de Seth e Enós.
Cravado tinha o olhar quem lhe passasse á voz;
E, quando era o sol posto, iam frechar estrellas.
Veio a pedra antepôr-se ás primitivas telas,
A cada bloco, em nó, prendera ferreo annel;
E a Cidade era, assim, cidade de Lusbel.
Das torres vinha a noite errar pelas campanhas;
E, aos muros ,se lhes deo grossura de montanhas.
A' porta, esta inscripção: — *"Não póde Deus entrar! —"*
Quando elles acabado a haviam de murar,
Foi posto o avô no centro, em torre de granito,
E desvairado estava, e lugubre, o precito.
"O olho já não vês?" Trilla interroga-o "Já?"
E Caim respondeo: "Eu sempre o vejo lá!"

"Eu quero" disse então "morar dentro da terra,
Como em êrmo sepulchro um homem que se enterra
Ninguem me verá mais; ninguem mais hei de ver!"
Cavou-se um fôsso, pois, segundo o seu querer.
Depois, desceo sosinho a abobadada alfombra;
E, quando no espaldar sentado achou-se á sombra
E fechou-se sobre elle o subterraneo emfim...
...Na tumba estava o olho a olhar para Caim!

(Das "Ancestraes").

A TAÇA DO REI DE THUL

(L. ACKERMANN)

A Miguel Hoerham

Die Angen thaken ihn senken
Trank nie sinen Tropfen mehr.

GOETHE.

Ao velho Rei de Thul fiel amante bella
Taça, ao morrer, dôou, d'oiro e fino lavor:
— A só recordação que lhe deixava della;
Relicario de amor.

Nesse vaso, em que via a mão de sua amada,
Bebêra, desde então, sempre, em cada festim.
Tinha o vinho, ao passar pela taça sagrada,
Sabor divino, assim.

E, quando lhe imprimia a bocca enternecida,
Transbordando, a velar-lhe o olhar, do coração,
Lágrima humedecia a pálpebra dorida
Do nobre e doce ancião.

Tudo deo, ao sentir minguar-lhe a vida insana,
Menos tu, caro don de idos amores sãos.
Não esperou, porém, que a morte deshumana
Te arrancasse das mãos.

Como para inda haurir final ebriez á meza,
Te esgotou de um só trago, o soluço a embargar.
Trémulo o braço, após, forças dando á fraqueza,
Te arremessou no mar.

Turvo o olhar, já na vaga elle vê que te afundas,
Lenta e lenta... e não mais á tona has de volver.
— Todo o passado, ali, nessas aguas profundas,
Era a vir de immerger.

E, immerso o coração n'uma angustia suprema,
Se finou, sem sentir, siquer, áncias mortaes.
Olhos que a dor cerrou, por si, nessa hora extrema,
Não se abrirão jámais.

Taça do Rei de Thul, que um vinho effervescente,
Sob nosso húmido labio, enchia a transbordar,
E, em últimos festins, com mão que se não sente,
Levantamos para o ar,

Vaso que eternisava um sabor, que embriaga,
De tudo quanto faz sonhar, soffrer, amar.
Olho que, alfim, te vio sumir na eterna vaga. ..
Só tem que se fechar.

Rio, 06.

O GRITO

(L. ACKERMANN)

Quando algum passageiro, em barco que sossobra,
Ouve em redôr de si o pélago bramir;
Quando, a perder de vista, o mar, que se desdobra,
Levanta-se para o engulir,

E, já sem salvação, vê entreabrir-se a ponte...
— Terrificado, d'entre a rôta mastreação,
Da onda, que o cobre, emerge, a se afogar, a fronte:
Ultimo grito alça á amplidão.

Grito vão! lancinante! — Ave, que, no regaço
Da nuvem, paira ou esgarra, estremeceo de horror;
E rábidos tufões hesitam, pelo espaço,
Abafál-o com seu clamor.

Como o errante viajor, que nuta á flux dos mares,
Sinto que me devora o pego... Ancias cruéis!
Nuvens toucam-me a fronte, o raio corta os ares,
O abysmo cava-se-me aos pés...

Ondas e céos, rodeando a prêsa, em cataclysmo,
Disputam-n'a, a luctar na horrenda escuridão;
E, em taes conflagrações, desmastreado, no abysmo,
Corre meu barco á perdição.

Mas outras ondas são; bem outra é a tempestade,
Que outros combates fere em treva sem phanal;
O mar é mais profundo; e o naufragio, em verdade,
Mais perigoso — que é total.

Brinco do furacão, n'um vai-vem que se affana,
Maçame e cabedáes submersos nos paióes,
— Esta não, que se perde, é bem a nave humana...
Mas os náufragos somos nós.

Manobra, desvairada, a equipagem na sombra;
O Espanto, o Desespero e o Lucto, a bórdo vão;
Sentada e em punho o leme, a Fatalidade assombra,
Impellindo-a para o pegão.

Mas eu, a quem cruel Destino, de máo grado,
Embarcou neste estranho e fragil bergantim,
E' que não quero — não! silente e resignado,
Consentir que me engula assim.

E já que, no estupôr das angustias supremas,
Descoram mudamente os companheiros maus,
Cabe-me erguer a voz, em baldões e procêsnas,
Anathematisando os céos.

Assim, para que irrompa em jacto mais energico,
Na minha resistencia ao assalto do escarcéo,
Dos demais corações, como em centro, synergico
As ancias reuni no meu.

Que vibrem, pois, tão forte, os meus fortes accentos,
Que a surdez destes céos — emfim! — os possa ouvir;
Não têm necessidade ares, vagas e ventos,
De comprender para os sentir...

Ah! que um grito sagrado é da agonia o grito:
Protesta e accusa, até no acto de expirar;
E agora que, de angustia e de horror infinito,
Já o exalcei, — posso afundar.

PROMETHEO

(*Prefaciando uma versão onmophrastica do celebre poema theocratico d'Ackermann*).

Atado ao abrupto Caucaso, impotente
Titão ,rival de um deus, mas degradado,
Expira Prometheo, por ter raptado
A Jupiter o fogo omnificente.

E, tendo assim aos homens revelado
Arte ou sciencia, hoje dom de toda a gente,
— Ao passo que revive eternamente,
Por fero abutre é sempre espicaçado.

Assim, Genio Immortal, que o ceo devassas,
E esquadrinhas a terra, e ao pégo irado
Vais arrancando perolas sem jaças,

Emquanto és, com razão, divinisado
Porque derramas luz por onde passas...
— Pelo abutre da inveja és devorado!

Rio, 10-II-06.

PROMETHEO

A Daniel Stern

Vê como, infeliz Deus, inimigo de Jupiter
Encadeiado estou .....
Pelo meu muito amor aos miseros mortaes.

(ESCHYLO, *Promethêo*)

Fere, Jove, inda mais! Tortura-me! esmaga-me,
[mutila
O inimigo que vês por terra e sem acção!
Supplantar é vencer? Teu raio se aniquila
No meu sangue, á traição,
Sem que tenha domado o heroico pensamento
Que, em divino rebelde, armou velho Titão.
E' elle quem te affronta, e teu rancor ciumento
Não mais aqui pregou que um simulacro vão.
Feres? — Não ferirás mais que um pouco d'argilla:
A alma de Prometheo escapa á tua mão.
Sob a garra do abutre a lacerar-me infinda,
Invencivel amor faz palpitar ainda
Meu rôto coração.

Se estes pincaros nus, que a tormenta proscreve,
Viram talvez correr, no seu manto de neve,
Prantos que olhos mortaes mal podiam reter,
Rochas, sabeis-l'o vós! E vós, mudas montanhas,
Que, entretanto, de horror sentia estremecer,
Os prantos que chorei me vinham das entranhas:
Ah! só a compaixão — tão só! — m'os fez verter.

Do meu proprio martyrio a lagrima não era;
N'este seio, que — em vão! — braço de um Deus lacera,
Desgraçados mortaes acharam compaixão.
Eternamente os vejo em luctas de Caïna...
Horrida imagem! — Vem-me á pavida retina
Dos males, que hão de vir ruir sobre elles, a visão...
Espectaculo atroz que constringe a arteria!
— Supplicio a renascer sem fim, mal se acabou!
Meu verdadeiro abutre, mal já supplicam, unica e seria,
— De que nada ha que extingua, os germens de miseria,
Qu'em seu sangue e sua carne o odio teu lançou.

E dizer que o homem, Jove, é tua creatura.
Teu genio o concebeo; foste quem n'o formou
— Misero sêr que, infirme e inerme, inda perdura;
Para quem tudo é espanto, é perigo, é tortura;
Que, no circulo estreito em que a vida o lançou,
Suffoca a debater-se, em lastima; impotente.
Quando o pozeste assim sobre a terra inclemente
Sabias que afflicções deviam-n'o assaltar;
Que outrem disputaria o seu lugar á meza;
Que um sopro o abateria; e a cega Natureza,
Em sua indifferença, o iria sepultar.

Acocorado o achei sob humido rochedo
Ou no bosque a rojar sombra espectral a tremer de
[medo
Por toda parte ouvindo horrisono bramir;
Triste, faminto e só, no festival dos sêres

Do imo d'agua ou da brenha — um triste entre
[prazeres —
Temendo, a cada passo ,o imigo ver surgir.

Mas, pelo objecto em que teu odio se me espelha,
Imprudente que fui! senti-me enternecer.
Rasguei-lhe o pensamento e lancei a scentelha
Nesse obscuro limo em que lhe déste o sêr.
Apenas o esboçaste — eu acabei tua obra
No meu vasto designio, esperançado — e audaz,
Em pilhagem pozéra o céo, que me não dobra,
Para dotal-o após com o que lhe haver me appraz.
O fogo te roubei; de conquista em conquista,
Te arrebatei á temerosa mão
Arrebatei-te o sceptro bem contra mim se enriste
Teu raio, grande Deus, me abate em tempo a crista
— Ainda um attentado... e a humana salvação!
Eis o mal que fiz eu, execrando e sublime!

— Pois que! Teria acaso, impune a teus rigores,
Aberto á atra oppressão braços libertadores?
Insensato! — ter dó ou a compaixão se expia.
No entanto, é Prometheo — o impio — quem diria!
Que, outr'ora, te ajudara a vencer, os Tilães
E andara ao lado teu no ardor d'atroz peleja.
Emquanto os teus rivaes armas brandiam vães,
A meus golpes tremia o céo que pallideja.
Para mim, s'tava em jogo a sorte do universo.
Eu queria acabar com todo deus perverso.

Ia-me abrir teu reino o reinado pacifico
Que, em meus votos, saudava, alegre, o coração;
Não mais, no ethereo curso, o grande sol magnifico
Iria allumiar que uma feliz mansão.
Já fugia o Terror com a tenebra erradia
Que ao clemente sorrir velava-te o dulçor
E a rede eril que a Necessidade urdia

Rompia-se por si aos pés de almo senhor.
Tudo — alegria, amor, eclosão, florescencia:
Não era o proprio Deus mais que o vivo 'splendor
Da omnibondade em plena e santa omnipotencia.

O' meu desejos vãos! O' sonho que accordou,
Mas cujo ires no olhar pasmado me ficou!
Achar-me, frente a frente, a iniquo olhar infesto
De um ciumento Deus que fere e que destesto;
E do meu desespero, ousar dizer, no horror:
"Quem tudo póde, quiz tambem que houvesse dor.

Não te illudas, porém; neste altar solitario
Tu não verás morrer de todo o adversario
Um sopro de revolta a terra transformou:
Quem me ha de succeder, já elegendo estou.
Esse proseguirá minh'obra, e esse o meu traço,
Nascido, egual nasci, para ousar e soffrer.
Aquem já libertei, minha audacia traspasso:
— Herança que não mais poderá perecer.
Já se firma a razão; vai-se a duvida pôr.
Atrevendo-se até a arguirem seu Senhor,
Mortaes a seu juizo ousarão te citar:
"Males — tão só! — porque? — Caprichou ira insana.
Sim. — te aguarda o juiz: — a consciencia humana
Não póde te absolver — e vai te regeitar.

E' este o vingador que espero na agonia:
Ah! que sopro ideal de amor e de alegria,
O mundo atravessando, encherá de dulçor
Meu coração, no dia em que — reacção legitima —
Em vez de te accusar, tu'augusta e nobre victima
Negar seu oppressor!

Libertado da Fé, qual de um sonho maldito,
O homem repudiará tyrannos immortaes.
Não mais hade ir — mercê de um terror infinito.

Do teus altares vãos aos pés curvar — Jamais! —
Cançado de o achar surdo, o Céo crerá vasio.
Lançando sobre ti um manto luzidio,
Ja te occulta a Natura eterna ao seu olhar
Não mais descobrirá no intermino universo,
D'ora avante, por Deus, sinão, cego e perverso,
Um par — a Força e o Azar.

Jove, mostra-te, pois, tonitrôa, mutila
O prófugo que ao teu dominio se eximio.
Refusando, em seu mal, ver tua mão divina,
— Dirá que foi poder fatal quem n'o ferio.
Tombará sem pavor, sem prece, sem lamento.
E, quando queiras dar tu'aguia e teu trovão
Para ouvil-o exhalar, no auge do tormento,
Um só grito de injuria ou de blasphemia extrema,
... Mundo se quedará: — esta mudez suprema
Te será punição.

A mais ninguem, que a mim, no olympico retiro
Terás, funesto Deus, quem ti possa inda crer.
Antes negar o dia ou o ar qu'inda respiro
Que a tua iniquidade e o teu cruel poder.
Perdido neste azul e altitudes sublimes,
Ah! bem de perto vi teu furor e teus crimes !
Assás soffri, assás sangrei, sob tua mão:
— Não póde duvidar offenso coração
Sim! — que emquanto do Mal, que é teu sanhudo
[imperio,
Não mais querendo já penetrar o mysterio,
Leva o espirito humano além seu facho... Atroz!
Só eu decifrarei este enigma obscuro,
Tendo reconhecido — ó caso horrendo e duro —
Um Deus no meu algoz.

C. F. 4-10-99.

O RECRUTAMENTO

EDUARDO BUSTILLO

I

— Vês? Do dia a luz que brilha
Como teu valor desmaia...
Deixa, deixa a triste praia,
Não chores mais, minha filha.
— Não pode ouvir voto amante.
Por entre as ondas perdida
Vê a esperança da vida.

Ae, Senhor!

Já não posso, em minha dor,
Ver a náo em que se irola
Meo pae a servir a el-rei...
Seo amor me rouba a lei,
Mas a lei não me consóla.

II

— E tu, mulher, com esmêro
Vem acalmar suas dores...
Teus gritos desoladores
Augmentam seu desespero.
— Meu pobre anginho innocente
Seo amor perdido sente.
Quem porá em minhas mãos
Seu pão e o de seus irmãos

Ae, Senhor!

Que em minha profunda dor
Preisinto da magoa as bulhas;
Que neste afan doloroso
Lamento mais do que o esposo,
Eu choro o pae de meos filhos.

III

Anciã, com triste calma
As inquietas ondas miras...
Tu nem choras nem suspiras...
O que has perdido?

— Minh'alma.

Sancto consolo era meu
Um filho, deu-mo
O filho que devo ao céo,
Mas o mundo m'o arrebata
Com sua lei, lei que mata...

Ae, Senhor!

Si não ha mais puro amor
Que o amor de mãe, e deploro
O filho amado que ha morto,
Julgae da dor que suppórto
Quando nem lagrimas choro!

IV

Filhas, mães, ternas esposas,
Para sempre veem perdidas
Aquellas prendas queridas
Com que viveram ditosas.
Mas do sol com a luz pura
Tambem lhes foge a ventura
E é tumba e deserto horto
D'essa esperança que ha morto...

Ae, Senhor!

Pois a lei em seu rigor
Faz com que os homens se irmanem,
Que não lutem nem profanem
Do lar a paz e a alegria.

Ae, Senhor!

UM POETA LEGISTA

CANÇÃO DO EXILIO

(Estudo comparativo de adaptação poetica)

Kennst du das Land, wo die Citronen Blühen,
Im dunkeln Land die Gold-Orangen glühen?
Kennst Du es wohl? — Dahin, dahin!
Möcht'ich... ziehn.

GOETHE.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorgeião,
Não gorgeião como lá.

Nosso céo tem mais estrellas,
Nossas varzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar, sosinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que taes não encontro eu cá;
Em scismar — sósinho, á noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá.

Não permitta Deos que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfructe os primores
Que não encontro por cá; . .
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Coimbra, Julho, 1843.

(Gonçalves Dias).

LIED AUS DER VERBANNUNG

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

G. Dias.

Palmen schmüeken meine Heimat,
Und so traulich ist es da,
Wo von grünen Blätterkronen
Uns begrüsst der Sabiá.

Zeigt mir holden Waldesschatten,
Fluren die den unsern gleich,
Sterne, wie sie niederleuchten
Auf der Liebe Zauberreich.

In den trüben Winternächten
O, wie gramvoll denk ich da
An das Land der Palmenhaine
Und des Sängers Sabiá.

Dem es strahlt in Schönheits fülle,
Wie ich sonst sie nirgends sah,
Und in allen Traumgebilden
Ist es meiner Sehnsucht nah,
Mil den Flüstern seiner Palmen,
Mit dem Gruss des Sabiá.

Lass, o Gott erst dann mich sterben,
Wenn mein Land ich widersah,
Und die Heimat mich beglüekte,
Wie es hier noch nie geschah;
Wie Palmen es verkünden
Und der Ruf des Sabiá.

Minha terra ornam palmeiras
e é tão doce tudo lá,
onde das palmas virentes
nos saüda o sabiá!

Mais frescas sombras nas mattas
os prados d'aqui nos dais;
o amor lá tem mais encantos,
porque os astros brilham mais.

Nas tristes noites de inverno
tenho saüdades de lá,
do meu paiz das palmeiras,
do canto do sabia.

Nunca vi tanta belleza
n'outra parte como lá;
Nas minhas melancolias,
quanta saüdade me dá
do cicio das palmeiras,
do canto do sabiá!

Não deixeis, ó Deus, que eu morra
sem que eu rever inda vá
aquella terra onde ha gozos
que inda não tive por cá,
— que entrevejo nas palmeiras,
no canto do sabiá!

AURELIANO DE CAMPOS.

CANCIÓN DEL DESTIERRO

(GONÇALVES DIAS)

Mi tierra tiene palmeras
Donde canta el sabiá;
Las aves que aqui gorgean,
No gorgean como lá.

Nuestro cielo ha mas estrellas;
Nuestro campos bien mas flores;
Nuestro bosques bien mas vida;
Nuestra vida mas amores.

Mi tierra tiene primores
Que tales no vi por cá
En cismar, solo, á la noches,
Más placer encontro lá;
Mi tierra tiene palmeras
Donde canta el sabiá.

No permita Dios qu'io muera,
Sin que torne para lá;
— E aviste ain las palmeras
Que no encontro por ca:
— E aviste ain los palmeras
Donde canta el sabiá.

(Versión GENERINO).

CANZONE DELL'ESILIO

(Gonçalves Dias)

La mia terra tiene palme
Dove canta el sabiá
Gi uccelli ch'ivi gorgheggian,
No gorgheggian comme lá.

Nostro cielo ha piú de'stelle:
Nostri campi, piú de fiori;
Nostri boschis, piú de vita,
Nostra vita, piú d'amori.

La mia terra ha primaticci
Ch'ormai ho trovato qua;
En scismar, solo, di notte,
Piú piacer io trovo lá.
La mia terra tiene palme
Dove canta il sabiá.

No piaccia a Dios ch'io morria
Senza mai tornare la
Senza fruir gli primaticci
Ch'ormai ho trovato qua:
— Senza avvistare le palme
Dove canta il sabiá.

(Versione Generino).

CHANSON DE L'EXIL

(Gonçalves Dias)

Mon pays a des palmiers
Où chante le sabiá;
Les oiseaux que ici gazouillent,
Ne gazouillent comme là.

Notre ciel a plus d'étoilles;
Plus de fleurs, nos près, toujours;
Nos bois ont bien plus de vie
Notre vie bien plus d'amours.

Mon pays a des primeurs
Que ici j'e ne trouve pas;
En rêvant, tout seul, la nuit,
Plus de plaisir je sens là.
Mon pays a des palmiers
Où chante le sabiá.

Ne plais à Dieu que je meure
Sans retourner pour là bas.
Sans gouter tous les primeurs
Que ici je n'eprouve pas.
Sans revoir les beaux palmiers
Où chante la sabiá.

(Version GENERINO).

Nota — Entendi dever publicar integralmente os ingenuos versos brasileiros de Gonçalves Dias, em frente aos versos allemães que os traduziram e Aureliano, a seu turno, restituiu á copiosa lingua portugueza, para que o leitor apercebido, sinão de todo versado nos segredos das duas linguas, melhor possa aquilatar do saudoso e melancolico sentimento que, atravez de Goethe, anima as duas composições e, d'est'arte, partilhar a viva mas penosa emoção que irresistivelmente veem despertar, mormente em brasileiro exul do Brasil: — "Gonçalves Dias não logrou tornar a ver a terra nem a palmeira onde canta o sabiá".

Fil-o, porém, de boa mente e sem preoccupação criticista — muito menos pejorativa — que tambem não teve Aureliano, quando reverteo a versão; mas tão sómente com o plausivel intuito de patentear a vis interpretativa, sinão a riqueza e co-relatividade dos dois idiomas, tão originariamente varios e differentes no seu espirito e meios de expressão. E dei-lhe, por sub-titulo, a notação de "Estudo comparativo de adaptação poetica, consoante ao methodo hoje peculiar a taes estudos, porque me pareceo curioso e interessante para o leitor arguto pôr-lhe deante dos olhos as differentes nuanças e modalidades — ou sejam transformações e transfigurações — porque, através dos versos allemães, passou aquelle pensamento poetico, até reverter á lingua em que fôra originariamente expresso.

— "Resultante: uma deturpação... dir-se-ha.

Sim; mas proveniente das notadas differenças dos meios de expressão peculiares ás duas linguas, apesar da similitude ou conformidade do sentimento que as inspirou e procuraram traduzir. Isso, porém, me não admira a mim que, de experiencia propria, cheguei a saber quanto é difficil — sinão de todo impossivel — bem e fielmente traduzir de linguas irmãs, como as neo-latinas, quanto mais de: ou para linguas de indole e naturezas tão differentes, mas até o proprio sentimento que inspirou o pensamento que se traduz: — "Traduttori, traditore" — dizem os Italianos. E é, por isso, que esternei ainda conveniente passar para o vernaculo a "Mignon", de Goethe, onde Gonçalves Dias parece ter se inspirado, compondo a "Canção do Exilio", e tanto assim que lhe foi pedido uma epigraphe. Eil-a:

MIGNON

(GOETHE, MUSICADO POR AMBROISE THOMAS)

A Mme. Gabriella de Campos

Conheces o paiz da Riba-Douro,
Onde lús no arvoredo o pomo d'ouro?
Sempre ali sopra um zephiro fagueiro
E o verde myrtho enlaça-se ao loureiro!
Não n'o conheces, não? — E' lá... lá em baixo!
— Vamos! Leva-me, amor, donde me eu acho.

Conheces essa estancia, amena e linda,
Que só do nosso amor nos falla ainda?
— Tudo, em redor, ali, nos denuncia
Quem nos roubou a calma e alma alegria!
Não n'o conheces, não? — E' lá... em baixo!
— Vamos! Leva-me, amor, d'onde me eu acho.

Conheces aquelle ingreme rochedo,
Por onde a mula se envereda a medo?
Aguia ali chóca os filhos rubicundos
E paira sobre os pélagos profundos!
Não n'o conheces, não? — E' além... no espaço!
— Deus poderoso! — E' lá! guia-me o passo.

Rio.

(Versão GENERINO).

MIGNON

(J. Barbier)

Conheces o paiz que enflora a laranjeira,
Paiz dos pomos d'oiro e das rosas vermelhas,
Onde a brisa é mais doce e a ave mais ligeira,
Onde em toda sazão zumbem loiras abelhas,
Onde alvora e sorri, como um favor celeste,
Eterna primavera, em céo que o azul reveste?
Ah! que não possa eu comtigo ir ter
A' plaga divinal, donde me exila a sorte!

Quizera ali viver, comtigo, até á morte...
Amar, amar e morrer
Ali viver em ti:
Ali! Ali

Sabes o lar que, ali, me aguarda os tardos passos?
A sala auri-tauxeada em que uns homens de marmore
Clamam por mim, na noite, estendendo-me os braços?
E o pateo em que se dansa á sombra de grande arvore?
E o lago transparente onde singram, mansinhos,
Mil ligeiros bateis que lembram passarinhos?
Ah! que não possa eu comtigo ir ter
A' plaga divinal, donde me exila a sorte!

Quizera ali viver, comtigo, até á morte...
Amar... amar... e morrer...
Ali morrer por ti...
Ali! Ali!

Rio, 30-V-913.

MORTE DE HIPPOLYTO

RACINE — PHEDRA — ACTO V

Mal sahiamos nós das portas de Trezena,
Em seu carro sil-o já; seus guardas, com pavor
Seguiam-n'o em silencio, attentos ao redor:
Transpunha, merencorio, a via de Mecenas;
As redeas, entre as mãos, fluctuavam-lhe apenas;
Seus soberbos, corséis, que outr'ora vimos nós,
Cheios de um nobre ardor, curvarem-se-lhe á voz,
Amortecido o olhar, cabisbaixos agora,
Conformavam-se ao triste augurio que o devora.
Um grito de pavor, do pégo em convulsão
O paralysado ar, veio turbar então;
E do seio da terra uma voz formidanda
Responde, n'um gemido, á imprecação nefanda.
Em nossos corações o sangue se gelou
E a crina dos corcéis attentos se eriçou.
Subitamente, á flux da liquida planice,
Vem humida montanha ondeará superficie.
Já proxima rebenta e esvurma ao nosso olhar,
Entre rôlos de espuma, um monstro singular.
Armam-lhe a fronte chata as pontas truculentas
E revestem-lhe o corpo escamas pardacentas.
Touro que se não doma, impetuoso dragão,
A anca se lhe empina em sinuosa torsão,

Seus mugidos, sem fim, fazem tremer a margem.
O céo vê, com horror, esse monstro selvagem;
Emociona-se a terra e torna-se infecto o ar;
A onda que o expellio, se espanta a recuar.
Tudo foge; e, sem ter coragem, vendo aquillo,
No templo mais ao pé cada qual busca asylo.
Hippolyto — tão só — digno filho de heróe,
Detendo seus corséis, da Césta tomar sóe...
Atira-se ao monstro e — dardo ecul de mão sabida —
Pratica-lhe no flanco uma larga ferida.
De raiva e dor, o monstro, em pávido mugir,
Aos pés dos animaes, saltando, vem cahir.
Rebolca-se, e lhes mostra a fauce que ameaça
E os cobre, n'um clarão, de sangue e de fumaça.
Empolga-os o terror; e, surdos desta vez,
Não mais conhecem freio e nem voz, sob o arnez.
Em vão seu nobre guia á parada os ostuma
Lhes avermelha a brida uma sangrenta escuma.
Dizem que até se vio, na confusão ultriz,
Um deus que, de aguilhões, lhes pungia os quadriz
Por entre abrupta rocha o medo os precipita;
Rangendo, parte-se o eixo: e o Heróe, que o não evita
Em lascas vê voar seu carro pelo chão.
Nas redeas, elle proprio, emmaranhou-se então.
Escusai minha dor: esta scena execravel
Será deste meu pranto a fonte inexgotavel.
Eu vi, Senhor, eu vi o Heróe, que se estinguio,
Arrastado por vis corséis, que elle nutrio.
Chama-os: e sua voz mais e mais os deflagra;
Correm: — e não mais é seu corpo que uma chaga.
Nosso grito de dor o espaço repetio.
Sua fuga impetuosa, em fim, diminuio.
Pararam quasi ao pé dos tumulos antigos,
Onde reis, seus avós, repousam sempre amigos.
Accorro e, a suspirar, com sua guarda, os transpuz...
Do seu preclaro sangue o rasto me conduz.
Tingem-se as rochas delle; e, em cardos violentos

De seus cabellos vejo os despojos sangrentos:
Chego, estende-me a mão, e, com sumida voz,
O moribundo olhar se lhe abre e estingue após.
"Tira-me o Céo — disse elle — uma innocente vida.
Vela, quando eu morrer por Aracy querida.
Amigo, si meu pai, que um dia o condemnou,
Chorar um filho a quem Phedra um falso imputou,
Para aplacar-me o sangue e a sombra sensitiva
Dize-lhe que lembraste a misera captiva
Que lhe dê... — E, dizendo-o, Hyppolyto espirou.
Deixando-me entre as mãos um corpo que tombou:
— Despojo em que triumpha a cólera dos deuses;
E um pai, nem conhecera, ouvindo-lhe os adeuses.

VIAGEM DE ULYSSES A' ILHA DE CORFU'

(HOMERO)

A' propicia monção que a Deusa á terra envia.
Senta-se, abrindo a véla, Ulysses — que alegria! —
E entra, com pericia, o leme a governar,
Sem que o somno lhe possa os olhos mais chumbar.

Solerte palinuro, olhares penetrantes.
Dardeja e observa sempre as Pleiades brilhantes,
E o Touro tardamente o horizonte a transpôr,
E a Ursa que, chrismada em Carro, bem melhor,
Ao roteiro fiel, para Orion inclinada,
No oceano — tão só! — jámais se vio deitada.
Sob instrucção da Deusa, ao esquerdo céo polar,
Já deixa, navegando, este astro a rutilar;
Em dezesete sóes galga húmidas campanhas:
— E eis que já da Phenicia as umbrosas montanhas
Vêm surgindo... E eis que a Ilha, ao olhar do heróe,
[e á flux
Da onda, com um broquel, se levanta e reluz!

Rio, 26-V-09.

A BRABANÇÃ

ENSAIO DE VERSÃO BRASILEIRA

Um brasileiro ao povo belga

Quem n'o crêra! De um rei despótico
Consagrando o intento cruel,
Canho de um principe mavortico
Mandou-nos balas a granel.
Fêl-o, sim! Mandou... que se arrange!
Com Nassau, não mais tratos de amisade.
A metralha espedaçou o Orange
Sob a arvore da Liberdade!

Magnanimo em su'ira brava,
Disputando seu jus aos reis,
A um rei, a quem de pai chamava,
Pedia o belga justas leis.
E elle, cujo furor confrange,
Pelo canhão de filial piedade,
No sangue belga chafurdou o Orange
Sob a arvore da Liberdade.

O' Brabanções, povo de bravos,
De não torcer, menos quebrar!
Do sceptro odiento dos batávos,
Balas virão te libertar!
Sobre Bruxellas, aos pés do Archanjo, hade
Sob esse eterno pavilhão
Sob esse eterno lábaro que a abrange
Altiva de ser verde sem o Orange,
Cresce a árvore da Liberdade.

E vós qu'em lagrimas e alarmas,
Na brecha houvestes de morrer,
Antes que a Patria, erguida em armas,
Podesse os nomes vos saber:
Na leiva, que ora vos constrange,
Dormi o somno da igualdade;
Dormi em paz, longe do Orange,
Sob a árvore da Liberdade.

C. Rodembach.

L. Jenneval.

Depois da morte de Jenneval, accrescentou-se-lhe:

Alas abri, sombras de bravos,
Ahi stá quem vos disse uma vez:
"Antes morrer que ser escravos!"
E si assim disse, assim o fez
Alas abri, nobre phalange!
Eil-o o Poeta-Nenrod da nossa herdade!
Vem dormir bem longe do Orange
Sob a árvore da Liberdade.

Em 1860, o texto de Jenneval, por conter insultos á casa reinante e ao povo hollandez, foi substituido por este:

Após séculos de escravagem,
O belga, a erguer-se do caixão,
Reconquistou, pela coragem,
Nome, direitos, pavilhão.
E mão soberana e altaneira,
Povo de indómita hombridade,
Gravou-te na antiga bandeira:
"O Rei, a Lei, a Liberdade".

Marcha, com passo e força energica,
De progredir em progredir.
Deus, que protege inda a Bélgica,
Ao ver-te assim, põe-se a sorrir.
Ao labôr! que o labôr nos dôe
Aos campos real fecundidade!
E o esplendor das artes corôe
O Rei, a Lei, a Liberdade!

A Ti, Bélgica, ó Mãi querida,
Nossos peitos, braços leáes.
Nosso sangue, ó Patria, e vida!
Juramos, sim! que viverás!
Viverás, sempre grande e bella,
E tua invicta unidade
Terá, por divisa singela,
O Rei, a Lei, a Liberdade.
Terá, por divisa singela,
O Rei, a Lei, a Liberdade.

Rio, 1921.

THOMAZ DE KEMPIS

DA IMITAÇÃO DE CHRISTO

QUATRO LIVROS

Segundo autographo de Thomaz

(*Carlos Hirsche — Berlim — MDCCCLVII*)

Admoestações uteis á vida espiritual.

LIVRO PRIMEIRO

Da Obediencia e Sujeição

(Ensaio de versão em versos portuguezes)

CAP. IX

Grande coisa é, de certo, obedecer,
Sob um Chefe viver:
E sui juris não ser.
Bem mais seguro é estar em sujeição,
Do que na direcção.

Mais por necessidade
Do que por caridade,
Muitos ao mando obedientes são
— Nem liberdade espiritual terão,
Si, por amor de Deus,
De todo o coração,
Não sujeitarem os designios seus
A' superior sancção.

Corre o Planeta... Em vãos!
Jámais socego encontrarás, sinão
Na humilde sujeição,
De um Chefe á Ordenação;
Que loco-imaginaria mutação,
A muitos, só tem sido perdição.

Gósta qualquer de agir, por si, sómente,
E mais se inclina a quem, como elle, sente;
Mas, si entre nós Deus jaz,
Necessario é tambem que immole a gente
Quanto de bom no seu sentir presente,
Em prol do bem da paz.
Quem tão sabio ha de ser,
Que tudo — tudo, em fim — possa saber?

Não te fies, pois, de mais, no teu juizo,
Mas segue docilmente estranho avizo.
Si é bom o teu sentir,
Por amor do teu Deus, si fôr preciso,
Outro deves seguir.

(*) Na composição destes versos, rimam-se, indistincta e desordenadamente, agudos e graves — e até agudos só — obedecendo, na versão, ao natural pendor do original latino, — que se tentou seguir, com a aconselhada submissão, quasi onophrasticamente, alterando-o apenas no que foi strictamente indispensavel á structura de cada verso e á distribuição de todos, irregular embora, por certo numero de estrophes. Quanto á interpretação do texto, sem que incorra em censura de qualquer Prelado, não sei se possa, com segurança, dizer: *"tradutore peró ormai tradittore...*

Mais te ha de aproveitar.
— Pois sempre ouvi dizer
Que muito mais seguro é receber
E seguir um conselho, do que o dar.

Bem póde succeder
Que bom, de cada qual, seja o sentir,
Então, não deve o teu prevalecer,
Si a razão ou a causa o não pedir:
Seria, além de audacia,
Um signal de soberba e pertinacia.

Rio, 920.

ADEUS!

(ALFREDO DE MUSSET)

Adeus! Eu creio que jamais na vida
Nunca hei-de ver-te.
Deus te chama ao passar e a mim me olvida:
Quanto eu te amei, na hora da partida,
Sinto ao perder-te.

Nada de prantos nem de vãos lamentos:
Preito ao porvir!
Levem teu barco á salvação bons ventos;
Riso na bocca a desfarçar tormentos,
Ver-te-hei partir.

Te conduz a esperança e, altiva, um dia,
Tu voltarás.
Mas ai! o amante, que seu crime expia
De amar-te tanto pela ausencia impia,
Não mais verás.

Adeus! Que em sonhos te embriague e alente
Prazer dos ceus.
Que em teu caminho deslumbrar não tente
Limpida estrella que luzindo mente
Os olhos teus.

Um dia o preço saberás, creança,
Desse amor meu:
O bem que aufere quem na vida o alcança;
O mal que soffre quem, perdendo a esp'rança,
Triste o perdeo.

A UVA

FRANÇOIS COPPÉE

Para señora Singerman

Pobre Pai! Peorava o doente d'hora em hora,
E na humilde mansarda abastecida outr'ora
Ha muito que a pobreza enfiára unhas cruéis.
Do Monte de Soccorro os sinistros papéis
Amontoavam-se atraz da pendula oscillante
E — sempre esperançada — a desgraça é confiante
A familia vendia o seu thezouro em flôr
— Relogio d'oiro, seis talheres, o "tambor",
A' ourivesaria, um apos outro, andava...
Ao que, em febre, a morrer tossindo, tiritava
Votara o último bem sem animo perder.
Disse o medico então:
"Si podesse comer..."
Mas elle havia já, com repugnancia inteira,
Recusado o biscoito immerso no Madeira;
As tres ostras, o ovo em caldo á ebulição.
Até qu'em Março, um dia, á beira do enxergão,
Veiu a fallar-se de uvas, um raposo improvizo
"Ah!..." — e teve o doente um flebile sorrizo,
Deitou sangue... E, á tarde, em frente ao canapé,

Em boceta trazendo a marca de Chavet,
Rubros e duros grãos mostrando pela renda
Do papel — como sóe em jovial merenda
Entre *gourmets* — apetitoso e tentador
Surgio o ruinoso e esplendido primor.
Vio-o o agonisante e, sem tocál-o, o rosto
Voltou, n'uma expansão de supremo desgosto...
E, tres horas depois, se foi... se foi, emfim,
Para outro mundo... aonde a fome ha de ter fim.

A miseria invadio a casa proletaria...
Mas, dois dias depois, uma escola primaria
Aos orphãos invejára a dita singular
De os ver do cabozinho a uva irem tirar!

Rio, 16-XII-925.

UMA ESMOLA

FRANÇOIS COPPÉE

Cada dia, ao balcão, tarde estiva, a fumar,
No ang'lo de um passeio, ou a vejo tratar,
Offerecendo-se em mercancia a quem n'a queira.
Não longe d'ali, se abre uma porta cocheira,
Onde, a carpir, se ouve, a abrigo de vai-vens,
Uma mocinha, com bouquets de dois vintens.
E aquella que inda arrasta em sêda infamelida,
Espera que já esteja a creança adormecida
E dá-lhe então — esmola — esmola tão sómente
— Tu lhe perdoarás, não é Bom Deus clemente.

HISTORIA CURTA

(Ada Negri)

A Mme. Gabiso Lisboa

Dir-se-hia, ao vêl-a, um sonho de poeta;
Sempre de branco, havia no seu viso
A calma d'uma sphynge do Oriente.

Pelos quadris lhe ondeava a transa preta;
Trinava um canto no seu breve riso.
... Bello corpo de estatua, alvo e indolente.

Amou — não foi amada. No imo d'alma;
Tranquillo e aspeito, repremio a impia
Chamma d'aquelle amor sem um queixume.

Mas o desejo a consumio — e, calma,
N'um crepusculo d'Outubro, ella morria
Como verbena á mingua d'almo lume.

25-13-901.

CASA DE BONECA

(NORA-DESPRÉS)

Hontem fui ver a "Casa de Boneca"
E bonecas vi eu, por toda parte,
Moverem-se com mais ou menos arte,
No palco e em toda a sala, — sécca e meca...

No palco, *"toutinegra"* que *sapeca,*
Nora em futilidades se reparte;
Salva o marido que a não ama, e parte...
Para o "talvez que volte"... qual peteca.

Fóra, quanta boneca que, em figura
De mulher, não mais é que miniatura
De Nora... Nora em reflectidos écos...

Mas, sem o ingenuo amor que a leva ao crime
E a boneca em mulher muda e redime:
— Bonecas... só bonecas... — e bonecos!

V-11-06.

THE NIGHT

Mysterious Night! Whon our first parent knew
Thee, from report divine, and heard thy name,
Did he not tremble for this lovely frame,
The glorious canopy of light and blue?

Yet, meat a curtain of transluced dew
Bathed in the rays of the great setting flame,
Hesperus, with the hort of heaven, came
And lo! Creation widened in man's view.

Who could have thought such darkness lay concealed
Within thy beams, o sun, or who could find,
Whist fly and leaf and insect stood revealed,

That to such countless orbs then mad'sta us blind:
Why do we then shun death wilh anxious strife?
If light can thus deceive, wherefore not life?

José Maria Blanco.

PARAPHRASE VERNACULA

Mysteriosa Noite! Ao ver-te extasiado
Nosso primeiro pai, por influxo divino
Não teria tremido ante esse peregrino
Glorioso docel azul e illuminado?

No translucido véo da nevoa immaculada
Banhado dos clarões do occaso purpurino,
Vesper surge; e após ella o bando diamantino
E a Creação se ostenta ao homem fascinado?

Quem pensaria, ó sol, qu'em teu foco brilhante
Que doira a aza do insecto e a folha scintillante
Se podesse conter a treva ennegrecido.

Que rouba-nos ao olhar dos mundos a cohorte?
Porque, pois, tanto afan em evitar-se a morte?
Como a luz nos illude, illude-nos a vida.

4-II-894.

ANTONIO PITANGA.

A NOITE

CELEBRE SONETO INGLEZ DE JOSÉ MARIA BLANCO

Poeticamente paraphraseado pelo Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga

A' sua inolvidavel memoria, commemorando o ultimo aniversario de sua morte

(VERSÃO QUASI ONOPHRASTICA, FÓRA DE CONCURSO)

Mysteriosa Noite! Os nossos ancestraes
Vendo-te, e ouvindo o nome em raporto divino,
Não tremeram por teu mechanico destino,
Glorioso docel de luz e azul vernáes?

Banhada no arrebol do occaso purpurino,
Translucido cendal de brumas sideráes,
Surge Vesper com seu cortejo adamantino...
— E toda a Creação revela-se aos mortaes!

Quem supporia haver tanto negror velado
Nos teus raios, ó Sol, ou quem suspeitaria,
Quêda mosca, humil folha, insecto em pé pousado

Que ver orbes sem conta então nos vedaria?
Por que, pois, contra a morte esta anciosa lida?
Si nos illude a luz, não nos illude a vida?

Rio, 7-XII-925.

ODE A' LESBIA

(SAPHO — DO LATIM, VERSÃO CATULLO)

A' mim, igual a Deus, ser me parece
(Si é licito a mortal ser mais que os deuses),
Quem a ti, face a face, embevecido,
Contempla e ouve.

Só, á misera de mim, rir docemente,
Privando-me de todos os sentidos,
Te vejo, Lesbia, nada mais subsiste
Que dizer possa.

Se me entorpece a lingua; sob as tenues
Artus flamma-me o sangue; surdamente
Zumbem-me as ouças; velam-me as pupillas
Lumes da noite.

Gélido suôr mana e toda tremo;
Pallidecem-me os labios, como a herva;
Espira a voz; perco a razão: e... morro...
— Quasi que morro!

O DESERTO

(Pela voz de Felicien David)

Amodorra-me a calma; a sêde me devora;
E — Tantalo — nem posso a lagrima suspensa
Dos olhos teus beber, nesta cisterna immensa
Que se chama alegria, oh providente aurora!

Como em olhos de sphynge, a minha dor não chora,
Não se condensa mais; seccou, bem como a crença,
Na aridez da minh'alma, — essa planicie extensa
Onde não ha palmeira a que me abrigue agora.

Ah! minh'alma é um deserto egypcio! A caravana
Das paixões em tropel vai galopando insana
A calcinada leiva... e o sol funde-se em chumbo!

E a sêde, — a febre ardente em corpo que não
[medra
Lavra-me intimamente as visceras de pedra;
E, quando tudo é vida... ai misero! — succumbo!

Endereço

Ao Sr. Ramalho Ortigão, o intrepido e afortunado explorador desse velho, heroico e fabuloso paiz ignorado, que se chama a Lingua Portugueza.

A CREAÇÃO

(Cosmogenia Antiga)

OVIDIO

I. — O CAHOS

Antes do mar, a terra e a abóbada dos céos,
A natura, obra audaz dos deuses ou de um Deus,
Sem movimento e vida, indigesta, uniforme,
Era um todo confuso, á espera que se forme.
Chamava-se elle — o Cahos — medonho amphigouri
D'elementos brutáes, sem ordem entre si.
O deus, cujo almo olhar dá toda vida ao mundo,
Não derramava luz nem seu calor fecundo;
Nem Phebo regulava o curso a cada mez;
Nem, a se equilibrar, da gravidade ás leis,
A Terra era no vácuo; e nem, em tôrno d'ella,
Thetis circumcingia os quadris de Cybella.
O ar, e a terra, e a onda, e o fogo, em confusão,
Na sombra primitiva esparsos, de roldão,
Misturavam, n'um bloco, o cheio e a vacuidade,
O calórico e o frio, a seccúra e a humidade,
N'uma mútua estranheza e intima aversão.

II. — OS ELEMENTOS

Um Deus, que do Universo é o supremo architecto,
Ou seja a Natureza, a ver-se mais correcto,
Separou, d'entre o Cahos, em ténebras sem par,
Dos céos a terra; e a terra, após, tirou do mar;
E, menos puro, o ar tirou da luz ethérea.
Depois que deslindou a confusa matéria,
Entre um e outro elemento, estremes mais e mais,
Estatuio as leis da sempiterna paz.
Já, no céo planetário, aligero fogo erra;
Véo diáphano, o ar ambiente toda a Terra,
Que os Elementos move e arrasta em torbilhão,
Sobre o seu eixo fixo se imprime rotação,
Gravita sobre si mesma, e a onda, que a enlaça,
Lhe cerca molemente a sólida couraça.

III. — FORMAÇÃO DO MUNDO

Tendo tal Deus, qual seja, em seu proprio local,
Dado a cada Elemento um rango especial,
Da Terra, que era então d'amôrphica estructura,
Arredondou a fórma em esphérica figura.
Rolam-lhe, á sua voz, em tôrno, aguas de um mar
Que os Ventos inflam já, purificando o ar.
Aos rios e caudáes que rolam sobre a areia,
Meandros lineou, por onde a agua serpeia:
Esparsos sobre a terra, em fecundante acção,
A sumirem-se em vãos, ao mar correndo vão;
E, altivas de não mais estreitarem-se em rivas,
Rolam a bel prazer suas aguas captivas.
Os charcos, e os paúes, e os lagos, escavou,
D'uma eterna verdura os bosques sombreou,
Os valles acamou, aplanou as campanhas,
E d'alterosa rocha eriçou as montanhas.

IV. — AS ZONAS

E, como elle traçou, geómetra eternal,
Cinco zonas por todo o espaço celesteal,
Cinco zonas, a Terra, em iguáes intervallos
E medidas iguáes, seus climas, sóe gozal-os.
Uma, d'alto calor sob a constante acção,
Cinge o meio do globo e inhibe a habitação.
Um eterno montão de neve e de friúra,
Aos dois polos glaciáes, lhes eriça a cintura;
E, do frio ou calor, variando o gráo, sem véo,
Em duas zonas mais, é temperado o céo.

V. — OS VENTOS

Mais pesado que o fogo e mais leve do que a onda,
O aéreo fluido faz do mundo a eterna ronda,
— Pois as nuvens lá poz, que se movendo vão,
O raio aterrador, dos Ventos a mansão.
Mas, quem nos libertou dos ares as planicies,
A leis submetteo suas bori-eólices;
E, utilisando em prol do mundo o seu ardor,
Em clima especial cad'um d'elles foi pôr.
.....
Para além da mansão dos astros e das nuvens,
Se estende lá no Empyreo immenso espaço azul,
Onde sóe fluctuar do Ether o fluido exul.

VI. — OS ASTROS

Quando o arbitro supremo a tudo assim poz métas,
As orbitas traçou dos astros e planetas.
Todo o céo radiou dos lúcidos phanáes
Que, na noite do Cáhos, tiveram luz jámais.
Tudo habitado foi: e a ethérea morada
Foi dos deoses do Empyreo habitação sagrada.
Aves, peixes, reptis e outros animáes,
Povoaram a terra, os ares e as caudáes.

VII. — O HOMEM

Mas faltava á natura ainda um soberano
Dotado de razão, um rei sem ser tyranno,
E, alfim, o homem nasceo: — quer um divino Sêr,
Com seu intimo alento, o chamasse ao viver;
E quer de mocidade a Terra inda orvalhada,
D'ethereas radiações apenas separada,
Lhe impregnasse de vida um limo tal qual é;
E que um sabio Titão, um filho de Japet,
A' imagem d'algum Deus moderador do mundo,
Tivesse esculpturado esse barro fecundo.
Sob o jugo do instincto, inochios animáes
Tinham prêsos á terra olhares bestiáes.
Só o homem — tão só! — de pé, porte irridento,
Ousa elevar ao Céo a vista e o pensamento!
— E assim foi que a mais nobre argilla, entre as demais,
Revestio as feições de Adão, pai dos mortáes.

Rio, 29-VI-09.

TODO-MUNDO E NINGUEM

Scena da farça, chamada "Auto da Luzitania"

(GIL VICENTE)

Entra TODO-MUNDO, homem como rico mercador, e faz que anda buscando algûa cousa que perdeo; e logo após elle hum homem, vestido como pobre, este se chama NINGUEM, e diz:

Ning. Que andas tu hi buscando?
Todo. Mil cousas ando a buscar:
Dellas não posso achar,
Porém ando porfiando,
Por quão bom é porfiar.
Ning. Como has nome, cavalleiro?
Todo. Eu hei nome "TODO-MUNDO",
E meu tempo todo inteiro
Sempre é buscar dinheiro,
E sempre nisto me fundo.
Ning. Eu hei nome "NINGUEM",
E busco a consciencia.
Berz. Esta é boa experiencia:
Dinato ,escreveo isto bem.
Din. Que escreverei, companheiro?

Berz. Que Ninguem busca consciencia
E Todo-Mundo dinheiro.
Ning. E agora que buscas lá?
Todo. Busco honra muito grande.
Ning. E eu virtude, que Deos manda
Que tope com ella já.
Berz. Outra addição nos acude:
Screve logo hi a fundo,
Que busca honra Todo-Mundo,
E Ninguem busca virtude.
Ning. Buscas outro mor bem qu'esse?
Todo. Busco mais quem me louvasse
Tudo quanto eu fizesse.
Ning. E eu quem me reprendesse
Em cada cousa que errasse.
Berz. Escreve mais.
Din. Que tens sabido?
Berz. Que quer em extremo grado
Todo-Mundo ser louvado
E Ninguem ser reprendido.
Ning. Buscas mais, amigo meu?
Todo. Busco a vida e quem m'a dê.
Ning. A vida não sei que he,
A morte conheço eu.
Berz. Escreve lá outra sorte.
Din. Que sorte?
Berz. Muito garrida:
Todo-Mundo busca a vida
E Ninguem conhece a morte.
Todo. E mais quizera o paraizo
Sem m'o ninguem estorvar.
Ning. E eu ponho-me a pagar
Quanto devo para isso.
Ber. Escreve com muito aviso.
Din. Que escreverei?
Berz. Escreve
Que Todo-Mundo quer paraiso

E Ninguem paga o que deve.
Todo. Folgo muito d'enganar,
E mentir nasceo comigo.
Ning. Eu sempre verdade digo,
Sem nunca me desviar,
Berz. Ora escreve lá, compadre,
Não sejas tu preguiçoso.
Din. Que?
Berz. Todo-Mundo é mentiroso
E Ninguem falla a verdade.
Ning. Que mais buscas?
Todo. Lisonjar.
Ning. Eu sou todo desengano.
Berz. Escrevo, ande la mano.
Din. Que me mandas assentar?
Berz. Põe ahi mui declarado,
Não te fique no tinteiro:
Todo-Mundo é lisonjeiro
E Ninguem desenganado.

FIM

Espolio Literário de Generino dos Santos

HUMANIADAS

Vol. 1º — Liv. 1º: — Paysagens.
» 2º: — Rapsodias pernambucanas.
Vol. 2º — » 3º: — Livro religioso.
» 3º — » 4º: — Immortalidade subjectiva:
1ª parte: Grandes typos da Humanidade.
2ª parte: Typos secundarios.
Liv. 5º: — Marmores e bronzes.
Vol. 4º — » 6º: — Alma collectiva.
» 7º: — Alma alheia.
Vol. 5º — » 8º: — Alma reflexa.
» 6º — » 9º: — Lyrismo.
» 10º: — Versos de amôr.
Vol. 7º — » 11º: — Candido Caetano de Almeida Reis. (Apontamentos para sua biographia.)
Vol. 8º — Liv. 12º: — Æterna carmine.
» 13º: — Seculare carmen.
» 14º: — Varias composições sobre Dante.
Vol. 9º — » 15º: — Civilização chineza.
Vol. 10º — » 16º: — Coénos e ancestraes:
1ª parte: Sonetos da India.
2ª parte: Pequenos cantores do grande cyclo da Navegação Aérea.
3ª parte: Ode épica. — A Esthetica em apuros.
4ª parte: A Floriano Peixoto.
5ª parte: Impressões de guerras.
6ª parte: Pela Historia do Brasil.
7ª parte: Pela America.
8ª parte: Pelo tempo a fóra.
Liv. 17º: — Aos meus amigos.
Vol. 11º — » 18º: — Vária.
» 12º — » 19º: — Moscas de Milão.
» 13º — » 20º: — José Jorge de Siqueira Filho e sua alma inédita.

ERRATA DO VOLUME QUARTO

Pagina	*linha*	*Onde se lê:*	*leia-se:*
III	2ª	Volume quinto	Volume quarto
30	2ª	Provém	provém
30	2ª	mulher	Mulher
30	26ª	Requimando-lhe	Requeimando-lhe
61	7ª	cavalheiro	cavalheiros
61	8ª	guerreiro	guerreiros
64	5ª	Humiilma	Humilima
74	11ª	reina	rema
84	8ª	guardais	gardais
87	16ª	argilla.	argilla;
91	7ª	extenda;	extende
94	12ª	Vestindo	Vertendo
98	14ª	incendido.	incendido;
100	16ª	amor	amores
101	6ª	poente	poento
103	7ª	Cárathro	Bárathro
104	3ª	cartas	certas
113	5ª	affronta	affronte
113	13ª	d oque	do que
114	11ª	punido	punicio
114	12ª	Corina	brinca
114	19ª	belelza	belleza
114	22ª	vêr	vês
115	11ª	pasmos	panos
115	14ª	Procura-ne	Poupa-me
119	9ª	Indo	Inda
120	5ª	abobadada	abobada da
122	12ª	vir	vez
124	19ª	procêsnas	procêmas
128	13ª	enriste	enrista
128	21ª	Tilães	Titães
129	5ª	meu	meus
139	8ª	nuestro	nuestros
139	9ª	nuestro	nuestros
139	27ª	los	las

Pagina	*linha*	*Onde se lê:*	*leia-se:*
141	10ª	Que ici j'e	Qu'ici je
145	8ª	soberbos,	soberbos
146	9ª	ecul	exul
146	17ª	ostuma	costuma
148	18ª	com	como
153	9ª	vãos	vão
163	12ª	ennegrecido	ennegrecida
172	21ª	escreveo	escreve
174	14ª	Escrevo	escreve
174	14ª	la	lá
175	5ª	Livro religioso	Alma Positivista
175	21ª	Coénos	Coévos
175	23ª	cantores	cantares
175	35ª	alma	obra

Preço 7$000